Universidade Federal de Goiás
Instituto de Ciências Biológicas
Programa de Pós-graduação em Biologia

Purificação parcial das quitinases, *Pbcts1* e *Pbcts2*, do fungo *Paracoccidiodes brasiliensis*

Candidata: Lidiane Aparecida da Penha Santana

Orientadora: Profa. Dra. Maristela Pereira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Biologia, do Instituto de Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Biologia.

Goiânia – Goiás
Abril - 2008

DISSERTAÇÃO DESENVOLVIDA NO LABORATÓRIO DE BIOLOGIA MOLECULAR, DEPARTAMENTO DE BIOQUÍMICA E BIOLOGIA MOLECULAR, INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, COMO REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM BIOLOGIA.

Apoio financeiro: Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

BANCA EXAMINADORA

TITULARES

Profa. Dra. Maristela Pereira, Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Goiás.

Profa. Dra. Célia Maria de Almeida Soares, Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Goiás.

Profa. Dra. Marilene Henning Vainstein, Centro de Biotecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SUPLENTES

Prof. Dr. Cirano José Ulhoa, Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Goiás.

Profa. Dra. Kátia Flávia Fernandes, Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Goiás.

Não deixe que a saudade sufoque,
que a rotina acomode, que o medo
impeça de tentar. Desconfie do
destino e acredite em você. Gaste
mais horas realizando que
sonhando, fazendo que planejando,
vivendo que esperando, porque,
embora quem quase morre esteja
vivo, quem quase vive já morreu.
(Luiz Fernando Veríssimo)

Dedico esta dissertação aos meus pais Vivaldo Santana da Silva e Marleny da Penha Oliveira Santana pelo grande amor, apoio e total confiança depositada em mim.

Dedico ainda à minha orientadora,

Maristela, que acreditou em mim,

esteve SEMPRE presente na

produção desse trabalho e é um

exemplo de chefe.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar presente em todos os momentos e detalhes de nossas vida.

À Profa. Dra. Célia Maria de Almeida Soares, pelo apoio, pelas sugestões e por todo auxílio prestado durante a realização desta dissertação.

À Profa. Dra. Marilene Henning Vainstein e ao Prof. Augusto Shrank por me receber muitíssimo bem em seus laboratórios na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Agradeço também a confiança dos senhores no meu potencial como pesquisadora.

Ao Prof. Dr. Cirano José Ulhoa, pelo seu apoio, sugestões e atenção mesmo em seu pouco tempo disponível.

Aos professores do Curso e Mestrado do Instituto de Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Goiás, que muito contribuíram em meu aprendizado.

À minha querida amiga Débora, por ser a pesquisadora mais nata que já conheci e tentar me fazer sentir assim também. E ainda aos meus amigos, Bruno e Guilherme pelo auxílio estatístico!

À Patrícia Lima, pela amizade, carinho e confiança.

À Patrícia Kott pelos ensinamentos iniciais na pesquisa científica e pela sua amizade.

Ao Rogério, Neto, Patrícia Zambuzzi, Sabrina, Sarah, Kelly Pacheco, Amanda, Raquel, Regilda, Tereza Cristina, Mariana, Nathalie, Rodrigo e Murilo pela amizade e por tornar o ambiente de trabalho um local agradável de estar.

Aos alunos da professora Marilene, do professor Augusto e do professor Henrique que me receberam muito bem em seus laboratórios. Agradeço em especial à Irina, Lívia, Juli, Melissa, Bianca, Roberta, Juliano, Charley, Leonardo e Cláudio pelo apoio na minha adaptação e pela amizade.

E a todos os colegas e companheiros que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização deste trabalho: Luiz Augusto, Juliana, Clayton, Alexandre, Roney, Elisa Flávia, Mirelle, Ana Flávia, Ívian, Ademar, Leandro, Daiane, Martha e João Guilherme.

E ainda aos que deixaram muitas saudades: Bruno, Moniquinha, Milce, Aline, Cristhielly e Kesser.

Ao CNPq, CAPES e PROCAD, pelo apoio financeiro.

A todos, muito obrigada!

SUMÁRIO

RESUMO

Paracoccidioides brasiliensis é um fungo dimórfico patogênico humano. A quitinase recombinante de *P. brasiliensis*, *Pbcts1r*, foi superexpressa em *Escherichia coli* utilizando pET-32(a)+ como vetor. A enzima foi produzida em corpos de inclusão e se tornou solúvel pela adição de sarkosyl, sendo purificada em um único passo com a utilização da resina Ni-NTA. *Pbcts1r* mostrou atividade diante de 4-MU-$(GlcNAc)_3$ e 4-MU-$(GlcNAc)_2$, apresentando atividade de endoquitinase. A reação de *imunoblot* com anti-*Pbcts1r* identificou duas proteínas no extrato bruto de levedura. A purificação parcial do extrato bruto de *P. brasiliensis* por cromatografia de troca-catiônica em HPLC revelou duas quitinases diferentes, *Pbcts1* e *Pbcts2*, com massas moleculares de 45 e 34 kDa, respectivamente. *Pbcts2* tem atividade de exoquitinase e *Pbcts1* de endoquitinase. Reações com anti-*Pbcts1r* mostraram a presença de *Pbcts1* e *Pbcts2* no extrato bruto de levedura e transição de micélio para levedura. No extrato bruto de micélio foi encontrado somente *Pbcts1* e no extrato de parede celular de levedura somente *Pbcts2*. Ambas as proteínas foram encontradas secretadas pela fase parasitária (levedura), mostrando a provável importância dessas proteínas na permanência do fungo no hospedeiro. Relações filogenéticas entre os ortólogos *Pbcts1* e a provável *Pbcts2* indicam a presença de um ancestral comum. Durante a evolução, *P. brasiliensis* poderia ter adquirido *Pbcts2* e *Pbcts1* desempenhando diferentes papéis para o crescimento e sobrevivência do fungo na fase saprofítica e parasitária.

ABSTRACT

Paracoccidoides brasiliensis is a human pathogenic dimorphic fungus. The recombinant chitinase from *P. brasiliensis*, *Pbcts1r*, was overexpressed in *Escherichia coli* using pET-32a (+) as vector. The enzyme was produced as inclusion bodies and became soluble by Sarkosyl being purified by a single step using a Ni-NTA resin. *Pbcts1r* showed activity against 4-MU-$(GlcNAc)_3$ and 4-MU-$(GlcNAc)_2$, presenting a endochitinase activity. Immunoblot reaction with anti-*Pbcts1r* identified two proteins in yeast crude extract. A partial purification of *P. brasiliensis* yeast crude extract by cationic-exchange chromatography on HPLC revealed two different chitinases, *Pbcts1* and *Pbcts2*, with molecular mass of 45 kDa and 34 kDa, respectively. *Pbcts2* has exochitinase activity and *Pbcts1* has endochitinase activities. Reactions with anti-*Pbcts1r* showed the presence of *Pbcts1* and *Pbcts2* in crude extracts of yeast and transition from mycelium to yeast. On mycelium crude extracts was found only *Pbcts1* and on yeast cell wall extract only *Pbcts2*. Both proteins were found to be secreted by yeast parasitic phase showing their probable importance in the permanence of the fungus in the human host. Phylogenetic relationships between the orthologs *Pbcts1* and the putative *Pbcts2* indicated the presence of a common ancestral. During evolution, *P. brasiliensis* could have acquired *Pbcts2* and *Pbcts1* playing distinct roles in order to growth and survive in diverse environment on saprophytic and parasitic phases.

INTRODUÇÃO

I – INTRODUÇÃO

1 – *Paracoccidioides brasiliensis*

O fungo *Paracoccidioides brasiliensis* é o agente etiológico da Paracoccidioidomicose (PCM), uma micose sistêmica que acomete seres humanos. De acordo com sua morfologia, *P. brasiliensis* pode apresentar-se como micélio ou como levedura. O micélio é identificado por filamentos septados com conídios terminais ou intercalares enquanto as leveduras são identificadas por brotamentos múltiplos, formados por evaginação da célula mãe, onde uma célula central é circundada por várias células periféricas, conferindo um aspecto de roda de leme de navio (RESTREPO-MORENO, 2003). Essa dupla morfologia se deve ao seu dimorfismo térmico, em que a temperaturas inferiores a 28°C o fungo é encontrado como micélio saprobiótico, e a 37°C como levedura nos tecidos infectados (SAN-BLAS & SAN-BLAS, 1993).

Essa diferenciação é conseqüência de um conjunto de alterações bioquímicas e fisiológicas desencadeadas pela variação da temperatura, a qual estimula uma adaptação no padrão transcricional e ou regulatório de genes (NUNES et al., 2005; BASTOS et al., 2007). Assim, diferenças na composição e no teor de lipídeos e de proteínas são encontradas entre as duas formas. Por exemplo, em relação à membrana plasmática, as células leveduriformes apresentam um teor de lipídeos duas vezes maior do que nas células micelianas (MANOCHA, 1980); e em relação à parede celular, observamos diferenças, principalmente, quanto às concentrações de polissacarídeos e de proteínas. As leveduras apresentam um teor protéico menor e um maior teor de quitina quando comparadas ao micélio. As células micelianas apresentam sua parede constituída principalmente por β-glicana e galactomanana (KANETSUNA et al., 1969).

Quanto à organização genômica de *P. brasiliensis*, utilizando a técnica de eletroforese de campo pulsado (PFGE), Feitosa et al. (2003) identificou 4 a 5 cromossomos com 2-10 Mb, tanto em isolados do meio ambiente quanto em isolados clínicos. Almeida et al. (2007) utilizando a técnica de citometria de fluxo, sugeriram que o genoma de levedura apresenta 26,3 a 35,5 Mb e que o dos conídios apresenta 30,2 a 30,9 Mb. É importante destacar que não houve diferença significativa entre os genomas das duas formas do fungo.

O fungo *P. brasiliensis* já foi classificado como um fungo imperfeito, pertencente ao filo anamórfico Deuteromycota e à classe Hypomycetos. Entretanto, estudos taxonômicos recentes levaram a extinção do filo Deuteromycota e à classificação do *P. brasiliensis* no filo Ascomycota. A inserção do *P. brasiliensis* neste filo, mesmo não se conhecendo a sua fase teleomórfica (sexuada), foi proposta por Leclerc et al. (1994) através da comparação de seqüências de DNA da subunidade ribossomal maior (28S) de dermatófitos e fungos dimórficos.

A atual classificação de *P. brasiliensis* é: filo Ascomycota, subdivisão Euascomycotina, classe Plectomyceto, subclasse Euascomycetidae, ordem Onygenales, família Onygenaceae, subfamília Onygenaceae Anamórficos, gênero *Paracoccidioides*, espécie *brasiliensis* (SAN-BLAS et al., 2002). Além da classificação em filo, ordem, família e gênero, *P. brasiliensis* também foi classificado em três diferentes espécies filogenéticas: S1, distribuída no Brasil, Argentina, Paraguai, Peru e Venezuela; PS2, encontrada na Venezuela e Brasil, nos estados de São Paulo e Minas Gerais; e PS3, restrita a Colômbia (MATUTE et al., 2006). Carrero et al. (2008) também descreveram esta classificação, mas ressaltam que na análise filogenética, um isolado de *P. brasiliensis*, *Pb*01, aparece claramente separado dos demais isolados de

Paracoccidoides. Especula-se que *Pb*01 possa ser uma nova espécie do gênero *Paracoccidoides* (CARRERO et al., 2008).

As condições e o local exato onde *P. brasiliensis* ocorre na natureza ainda são indeterminados. Isso se deve principalmente ao raro isolamento do fungo do ambiente, ao prolongado período de latência no hospedeiro humano, bem como a não identificação do hospedeiro intermediário do fungo (BAGAGLI et al., 2006). É conhecido que micélio e conídio provavelmente podem se apresentar como sapróbiótico no solo, na água, e em plantas à temperatura ambiente e são consideradas como formas infectantes do fungo (RESTREPO et al., 2001).

O fungo já foi isolado do solo de países como o Brasil (MONTENEGRO et al., 1996), Argentina (NEGRONI, 1966) e Venezuela (ALBORNOZ, 1971); de fezes de morcegos frugívoros (*Artibens literatus*) e de pinguim (GROSE & TAMSITT 1965; GARCIA et al., 1993); e de tatus, *Dasypus novemcintus* e *Cabassous centralis*, os quais são considerados hospedeiros silvestres do fungo (BAGAGLI et al., 2003; CORREDOR et al., 2005). A freqüência de infecção por *P. brasiliensis* em tatus *D. novemcintus* é alta e o fungo já foi isolado em 75-100% dos animais capturados nas áreas endêmicas de PCM (BAGAGLI et al., 2003). A infecção natural em animais domésticos também tem sido observada e manifestações clínicas da doença foram relatadas em cachorros (RICCI et al., 2004; FARIAS et al., 2005).

A PCM apresenta distribuição geográfica restrita a países da América Latina, ocorrendo do México até a Argentina, sendo a maior incidência no Brasil, Colômbia e Venezuela (WANKE & LONDERO, 1994; RIVITTI & AOKI, 1999). Um estudo da análise de óbitos entre os anos de 1980 e 1995, realizado por Coutinho et al. (2002), revelou que a PCM era a oitava causa de mortalidade por doença predominantemente crônica, entre as infecciosas e parasitárias, e possuía a mais elevada taxa de mortalidade

entre as micoses sistêmicas. Estudos mais recentes relatam que esta micose está restrita a América Latina, com aproximadamente 80% dos casos descritos no Brasil (RESTREPO et al., 2001). Entretanto, atualmente não se sabe a sua real epidemiologia, principalmente, devido ao fato dessa doença não ser de notificação compulsória.

A PCM ocorre predominantemente em áreas rurais, onde os indivíduos estão possivelmente mais expostos ao agente etiológico, acometendo principalmente indivíduos do sexo masculino entre 30 e 60 anos de idade (BRUMMER et al., 1993). Durante a infância a doença acomete ambos os sexos com igual intensidade fortalecendo a hipótese de que fatores hormonais possam desempenhar papel na patogênese da doença.

Estudos experimentais com o hormônio feminino 17-β-estradiol mostraram capacidade de inibir a transição de micélio para a fase leveduriforme tanto *in vitro* (RESTREPO et al., 1984) como *in vivo* (ARISTIZABAL et al., 1998). Outros, estudos sugerem que uma proteína de 60 kDa do citosol de *P. brasiliensis*, diferencialmente expressa em micélio e levedura (FELIPE et al., 2005), seria capaz de se ligar ao hormônio inibindo a transição de micélio para levedura (CLEMONS et al., 1989). Este fato estaria relacionado à possível proteção de mulheres à infecção.

A principal via de entrada do parasito no hospedeiro humano, segundo Franco et al. (1987), é através da inalação de micélios e/ou propágulos do fungo, propiciando o início da infecção pelos pulmões e a disseminação para outros órgãos e tecidos onde se estabelece na forma de levedura. Após a inalação, os micélios ou conídios se convertem em leveduras, sendo fagocitados por macrófagos, onde se multiplicam por brotamento múltiplo, formando o foco inflamatório (BRUMMER et al., 1989). O desenvolvimento da doença depende diretamente da resposta imune do hospedeiro (MENDES et al.,

1971), podendo manifestar-se sob a forma aguda ou juvenil, crônica ou adulta, e assintomática (LACAZ, 1994).

A infecção assintomática é observada em indivíduos que vivem em áreas endêmicas e apresentam teste de hipersensibilidade tardia. Já a forma aguda ou juvenil caracteriza-se por um desenvolvimento rápido e por marcante envolvimento de órgãos. Ela representa 3 a 5% dos casos descritos da doença, sendo a maioria dos pacientes constituídos por crianças ou adultos jovens. A forma crônica ou adulta ocorre em mais de 90% dos casos acometendo em sua maior parte, homens adultos. Nessa última forma há um desenvolvimento lento da doença, com comprometimento pulmonar podendo ser também observado comprometimento extrapumonar, devido ao fato da doença possuir um desenvolvimento silencioso e apenas apresentar sintomas quando há o comprometimento de outras regiões do corpo (BRUMMER et al., 1993).

Devido ao grande número de tecidos que *P. brasiliensis* pode colonizar acredita-se que o fungo tenha desenvolvido mecanismos que o capacita a aderir, extravasar e invadir barreiras impostas pelos tecidos do hospedeiro (MENDES-GIANINNI et al., 1994; LENZI et al., 2000). Em *P. brasiliensis* algumas moléculas de adesão à matriz extracelular já foram descritas, incluindo a glicoproteína Gp43 (VICENTINI et al., 1994), adesinas de 19 e 32 kDa (GONZÁLEZ et al., 2005), 30 kDa (ANDREOTTI et al., 2005), gliceraldeído-3-fosfato (BARBOSA et al., 2006), triosefosfato isomerase (PEREIRA et al., 2007) e a proteína de crescimento filamentoso imperfeito (DFG5) (DA SILVA CASTRO et al., 2008).

Além dos estudos de adesão, muitas outras abordagens têm sido realizadas com o intuito de entender melhor o genoma, a estrutura morfológica e também a patogênese de *P. brasiliensis*. Nesse sentido, visando conhecer um maior número de genes de *P. brasiliensis*, diferentes abordagens no estudo de transcriptomas têm sido aplicadas.

Entre essas abordagens temos a análise do transcriptoma de micélio e levedura (FELIPE et al., 2003, 2005; GOLDMAN et al. 2003), de genes expressos durante a diferenciação da fase de micélio para levedura (NUNES et al., 2005; BASTOS et al., 2007), genes expressos na presença de enxofre (ANDRADE et al., 2006), e ainda de genes envolvidos na adaptação e sobrevivência do fungo no processo infectante (COSTA et al., 2007), bem como durante contato com sangue (BAILÃO et al., 2006) e plasma humano (BAILÃO et. al., 2007). Diferentes técnicas têm sido utilizadas para análise desses transcriptomas. Entre elas podem ser citadas o microarranjo e a subtração (GOLDMAN et al., 2003) e a análise de diferença representacional de cDNA (BAILÃO et al., 2006).

A disponibilidade dos transcriptomas de *P. brasiliensis* permitiu a identificação de um vasto número de genes/proteínas específicos desse organismo que estão ausentes em humanos (TOMAZETT et al., 2005; AMARAL et al., 2005). Desta forma, alguns genes identificados em *P. brasiliensis* são considerados potenciais alvos para antifúngicos. Entre estes podem ser citados a 1,3-β-glicana sintase, 1,3-α-glicana sintase, Rho, quitina sintase, quitina deacetilase, α-1,2-manosiltransferase, quitinase, glicanase, isocitraro liase, malato sintase, ERG6, urato oxidade e urease (FELIPE et al., 2005; TOMAZETT et al., 2005). Além da importância como potenciais alvos para antifúngicos, o estudo desses genes e proteínas se faz importante também, para entender e esclarecer mecanismos de patogenicidade e virulência fúngica.

2 – QUITINASES

As quitinases (E.C. 3.2.1.14) são enzimas que clivam ligações glicosídicas entre os carbonos Cl e C4 dos resíduos de β-1,4-N-acetilglicosamina (GlcNAc), constituintes

do polímero de quitina. A quitina é considerada o segundo maior biopolímero natural depois da celulose (HAKI e RASKSHIT, 2003) e exerce uma importante função estrutural, sendo encontrada no exoesqueleto de crustáceos, nas cutículas de insetos, nas diatomáceas e na parede celular de fungos. Assim como seu substrato, a quitinase também é encontrada em diversos organismos, como bactérias, fungos, insetos, plantas e mamíferos (DUO-CHAN, 2006).

As quitinases produzidas por bactérias têm mostrado uma importante ação na hidrólise de quitina, visando sua utilização como fonte de carbono e na reciclagem desse componente na natureza (DUO-CHAN, 2006). Várias quitinases de bactérias já foram isoladas. Entre as mais recentes estão as quitinases de *Streptomyces cyaneus* SP-27 (YANO et al., 2008), *Clostridium paraputrificum* (MORIMOTO et al., 2007), *Serratia* sp. (KIM et al., 2007), *Chromobacterium* sp. linhagem C-61 (PARK et al., 2007), *Bacillus pumilus* SG2 (AHMADIAN et al., 2007), *Vibrio parahemolyticus* (CHUANG e LIN, 2007) e *Vibrio proteolyticus* linhagem N°.442 (ITOI et al., 2007), *Aeromonas hydrophila* linhagem SUWA-9 (LAN et al., 2006), *Rhodothermus marinus* (HOBEL et al., 2005).

Em fungos, a quitinase tem mostrado atuar na morfogênese (GHORMADE et al., 2000), separação celular (COLUSSI et al., 2005), esporulação (GIAVER et al., 2002), autólise (YAMAZAKI et al., 2007), assimilação de produtos degradados de quitina (KIM et al., 2002) e micoparasitismo (LIMA, et al., 1999; BINOD et al., 2007).

Em insetos, a quitina associa-se a proteínas para formar a cutícula do exoesqueleto e a matriz peritrófica, a qual contém uma mistura de glicosaminoglicanos, glicoproteínas e quitina (LEHANE et al., 1996). Nesses organismos, as quitinases são importantes na degradação da matriz peritrófica do intestino, pois permitem uma absorção eficiente de nutrientes. Além dessa função, as quitinases são importantes no

desenvolvimento pós-embrionário e na degradação da cutícula senescente (MERZENDORFER et al., 2003). Em crustáceos, a quitinase permite a degradação parcial do seu exoesqueleto durante o desenvolvimento, através de um mecanismo de controle hormonal (SPINDLER-BARTH, 1993).

Em plantas, as quitinases atuam na defesa contra fungos patogênicos, inibindo o crescimento desses fungos e gerando oligossacarídeos que atuam como elicitores, moléculas-sinal que vão regular os mecanismos de defesa da planta (KASPRZEWSKA, 2003). Entre algumas das quitinases de plantas descritas, tem-se a *Mcchit1*, de *Momordica charantia* L (XIAO et al., 2007), a *Cpchi*, de *Carica Papaya* (CHEN et al., 2007) e uma quitinase de 30 kDa, de *Ficus awkeotsang* (LI et al., 2003).

Em mamíferos a quitinase é chamada de quitotriosidase e pode ser encontrada no soro humano e em macrófagos (BOOT et al., 1995), sendo secretada conforme mostrado em trabalhos de Suzuki et al. (2001). A enzima quitotriosidase é um membro da família das quitinases capaz de hidrolizar quitina. Embora apresente homologia com outras quitinases de plantas, bactérias, fungos, nematodas e insetos, esta enzima é utilizada como marcador de ativação em doenças como Gaucher e é particularmente aumentada em indivíduos com arteriosclerose (HOLLAK et al. 1994), inflamação intestinal (MIZOGUCHI, 2006) e asma (ELIAS et al., 2005). Além da quitotriosidase foi identificada uma nova quitinase localizada nos pulmões e no trato digestivo de mamíferos. Essa proteína poderia apresentar ação na processo de defesa e no metabolismo de carboidratos (BOOT et al., 2001).

Estudos moleculares têm mostrado a presença de genes de quitinases em uma variedade de parasitas eucariotos, incluindo *Plasmodium* (SHAHABUDDIN et al., 1999), *Leishmania* (SHAKARIAN et al., 1998) e o nematoda *Brugia malayi* (FUHRAMN et al., 1992). É interessante ressaltar que as quitinases secretadas por

parasitas como *Plasmodium falciparum* (VINETZ et al., 1999) e *Plasmodium gallinaceum* (VINETZ et al., 2000) estão associadas com a ruptura da matriz peritrófica do intestino de seus hospedeiros definitivos, insetos do gênero *Lutzomia*, auxiliando assim na sua adesão nesses organismos. Quitinases de vírus também têm sido descritas, estando principalmente relacionadas à patogênese em insetos (DAIMON et al., 2007).

As quitinases são encontradas distribuídas em duas famílias, 18 e 19, dentro da superfamília das glicosil hidrolases. Essa classificação é baseada na seqüência de aminoácidos, na homologia estrutural e nas diferenças dos mecanismos de ação das quitinases. Artigos recentes sobre quitinases têm mostrado que as quitinases da família 18 têm sido encontradas em bactérias, fungos, animais e plantas das classes III e V; e que as da família 19 incluem as quitinases de plantas das classes I, II e IV, e ainda algumas quitinases de bactéria do gênero *Streptomyces* (DAHIYA et al., 2006). Entretanto, pesquisas no banco de dados CAZY (http://www.cazy.org/fam/acc_GH.html) mostraram que apesar da classificação das quitinases de plantas continuar a mesma, ambas as famílias apresentam quitinases de vírus, bactérias e eucariontes.

Quitinases de vários organismos apresentam uma arquitetura em multidomínio, que inclui um domínio catalítico, um domínio rico em serina/treonina e um domínio de ligação à quitina rico em cisteína. As quitinases fúngicas da família 18 podem apresentar sua estrutura básica composta de cinco domínios ou regiões: peptídeo sinal na região N-terminal, domínio catalítico, região rica em serina/treonina, domínio de ligação ao domínio de quitina e extensa região C-terminal (DUO-CHAN, 2006). Entretanto, na maioria das quitinases fúngicas os três últimos domínios costumam estar ausentes. Uma região interessante de se observar é a do peptídeo sinal evidenciando que nesses organismo as quitinases podem ser secretadas. A maioria das quitinases de

fungos purificadas e caracterizadas são secretadas [Brenda site (online: http://www.brenda-enzymes.info/)].

A classificação das quitinases de plantas é baseada na estrutura do domínio catalítico e no mecanismo de ação. As classes I e II apresentam domínios catalíticos similares. Na classe II não há presença do domínio de ligação à quitina e na classe III observa-se domínios similares aos presentes em fungos. A classe IV é similar às da classe I, mas são menores devido à ocorrência de deleções. A classe V apresenta homologia com exoquitinases de bactérias. As quitinases fúngicas, comparadas com as de plantas e bactérias, não são bem classificadas. Elas são divididas como quitinases fungo/bactérias, similares às de bactérias, e como quitinases fungo/planta, que são similares as encontradas em plantas da classe III. Recentemente, de acordo com análises filogenéticas, foi sugerida a divisão das quitinases fúngicas da família 18 em três grupos: grupo A, correspondendo às quitinases similares às da classe V de plantas; grupo B, similares as quitinases de plantas da classe III; e grupo C, correspondendo as quitinases de alta massa molecular (DUO-CHAN, 2006).

Além da classificação em famílias, as quitinases ainda podem ser classificadas quanto ao seu modo de ação sobre o substrato. A nomenclatura enzimática oficial (EC) classifica as enzimas quitinolíticas em apenas dois grupos de enzimas: as quitinases (EC 3.1.2.14), também conhecidas como endoquitinases, que catalizam a hidrólise randômica de ligações β-l,4 de N-acetilglicosamina (GlcNac) liberando produtos solúveis como quitotetraose, quitotriose e diacetilquitobiose; e as N-acetilglicosaminadases (EC 3.1.2.52), também conhecidas como exoquitinases, que clivam a quitina em monômeros de N-acetilglicosamina. Entretanto, algumas enzimas quitinolíticas não se encaixam nessa classificação. Assim, diferentes classificações foram sugeridas.

Sahai & Manocha (1993) classificaram as quitinases em três tipos: as endoquitinases (EC 3.2.1.14), as exoquitinases e as N-acetilglicosaminidases (3.2.1.52). Harman et al. (1993) também fizeram uma classificação diferenciada da nomenclatura oficial, adicionando mais um tipo de quitinase, a quitobiase, correspondente à exoquitinase de Sahai & Manocha, que catalisa a liberação progressiva de diacilquitobiose do final redutor da cadeia de quitina, não liberando monômeros nem oligossacarídeos de N-acetilglicosamina. Na literatura atual a classificação mais seguida é a da nomenclatura enzimática oficial e quando esta é insuficiente a classificação usada é a de Sahai & Manocha.

Na literatura são encontrados trabalhos diversos sobre quitinases, incluindo análises de seqüências gênicas à caracterização da enzima purificada. Dessa forma, muitas características das quitinases têm sido identificadas auxiliando na sua utilização e aplicação na biotecnologia.

Quanto à regulação da quitinase, sua expressão é controlada por um sistema de repressão/ indução. Nesse sistema, a presença de parede celular no meio de cultivo, de quitina ou outros produtos de degradação (N-acetilglicosamina e glicosamina) atuam como indutores, e a glicose, ou fontes de carbono facilmente metabolizadas atuam como repressores (MACH et al., 1999). Este comportamento tem sido descrito para quitinases de *Aphanocladium album* (BLAISEAU et al., 1992), *T. harzianum* (CARSOLIO et al., 1999), *Streptomyces thermoviolaceus* (TSUJIBO et al, 1998). *Enterobacter* sp. (DAHIYA, 2005), *Beuvaria Bassiana* (Campos et al., 2004) e *Metarhirzium anisopliae* (BARATTO et al., 2006; DA SILVA et al. 2005).

Além da quitina e da glicose existem outros componentes e fatores que podem interferir na regulação das quitinases. Um desses fatores, já descrito em *T. harzianum* e *Manaporthe grisea*, é a modificação pós-transcricional, em que a quantidade de RNAm,

que sofreu ou não *splicing*, regula a expressão da quitinase (SEIDL et al., 2005). Em alguns organismos, a expressão da quitinase também pode ser alterada pela expressão de outra enzima quitinolítica. É o caso da N-acetilglicosaminidase e da *ech42* de *T. harzianum*, em que a expressão da N-acetilglicosaminidase se mostrou essencial para a indução da *ech42* (BRUNNER, 2003). Pesquisas com *ech42* ainda mostraram que a transcrição do seu gene é induzida pela redução da fonte de carbono em seu meio de crescimento. Além disso, observou-se também que à temperatura baixa e com uma pressão osmótica alta a *ech42* tem sua expressão aumentada (MACH et al., 1999). Entretanto existem quitinases que podem ser induzidas pelo aumento da temperatura, como é o caso da chit33, também de *T. harzianium* (DE LA MERCEDES et al., 2001).

Quanto à atividade das quitinases, diferentes substratos e métodos têm sido utilizados para a sua caracterização. Dentre os métodos de detecção utilizados têm-se os ensaios colorimétricos (REISSIG et al.,1955), ensaios fluorescentes (SELVAGGINI et al., 2004), detecção direta utilizando a eletroforese em gel de poliacrilamida (PAN et al., 1991), detecção da turbidez em suspensão com quitina coloidal (TRONSMO e HARMAN, 1993) e separação do produtos da reação enzimática por TLC – cromatografia de camada delgada (KIM et al., 2007), HPLC-Cromatografia Líquida de Alto Desempenho (CHUANG e LIN, 2007) ou espectroscopia de massas (RAJAMOHANAN et al., 1996). Os substratos variam entre os naturais: quitina, quitina coloidal, glicolquitina e quitosana; e os sintéticos: 4-MU-GlcNAc , 4-MU-$(GlcNAc)_{2,3}$, pNP-GlcAc, pNP-$(GlcNAc)_{2,3}$.

Quando se utiliza um substrato natural, os métodos mais utilizados para a detecção da atividade são o colorimétrico, o da redução da turbidez do meio e o da eletroforese em gel de poliacrilamida (zimograma). No ensaio colorimétrico é feita a leitura da quantidade de açúcar redutor produzido, em decorrência da incubação da

enzima com o substrato e posterior reação com ácido dinitrosalicílico (DNS). No método de redução da turbidez a leitura da atividade também é feita de acordo com a quantidade de açúcar redutor liberado. No gel de atividade ou zimograma, a atividade da quitinase é visualizada em gel de poliacrilamida, onde há a migração das proteínas em um gel contendo o substrato, nesse caso a glicolquitina. O zimograma também pode ser realizado com substrato sintético, sendo este incubado junto ao gel, após a migração da quitinase. Em ambos os zimogramas a leitura é feita sob luz ultravioleta (HOWARD et al., 2003).

Quando se utiliza como substrato a quitina coloidal ou a glicolquitina não se sabe quais oligossacarídeos são liberados. Assim, para identificar os produtos liberados na ação enzimática utiliza-se a TLC, HPLC ou a espectroscopia de massas. Nesses três métodos há uma separação dos oligossacarídeos encontrados na reação enzimática e sua subseqüente identificação. É importante ressaltar que a TLC é apenas uma técnica qualitativa diferentemente da HPLC e da espectroscopia de massas que também são técnicas quantitativas (HOWARD et al., 2003).

Os substratos sintéticos 4-MU-GlcNAc, 4-MU-$(GlcNAc)_{2,3}$ se apresentam mais sensíveis na detecção da atividade quitinolítica, pois a reação enzimática é lida com a utilização de fluorescência. Em trabalhos recentes de caracterização da quitinase têm-se utilizado esses substratos sintéticos, pois além de dispensarem a necessidade de experimentos posteriores para identificação dos oligossacarídeos liberados eles facilitam a classificação das quitinases. Os substratos pNP-GlcNAc, pNP-$(GlcNAc)_{2,3}$ também são compostos bastante utilizados para a detecção da atividade de quitinase. A leitura da reação é feita em espectrofotômetro usando uma curva padrão preparada com 4-nitrofenol (HOBEL et al., 2005).

Esses diferentes métodos são importantes para definir se uma determinada quitinase atua como endo- ou exoquitinase. Recentemente, algumas quitinases foram descritas com ambas as atividades. Kang et al. (1999) detectaram uma quitinase de *Metahirzium anisopliae* com atividade endo e exo, baseado na degradação de oligômeros de quitina e vários compostos químicos. O polímero de quitina foi utilizado como substrato para detectar a atividade de endoquitinase e o substrato pNP-$(GlcNAc)_2$ para detectar a atividade exoquitinolítica. Silva et al. (2005) também identificou uma outra proteína de *M. anisopliae* com atividade de endo- e exoquitinase (N-acetilglicosaminidase). Em *A. fumigatus* foi identificada uma quitinase que possui atividade de endoquitinase, exoquitinase e transglicosilase (XIA et al., 2001).

De acordo com o GenBank, um grande número de genes codificando quitinases tem sido isolados e caracterizados. Dentre esses há o *Pb*CTS1, que codifica uma quitinase de *P. brasiliensis* (BONFIM et al., 2006). Além disso, muitas quitinases tanto nativas quanto recombinantes têm sido purificadas [Brenda site (online: http://www.brenda-enzymes.info/)].

Para a obtenção das quitinases purificadas, diferentes métodos são utilizados tais como, precipitação com sulfato de amônia (IKE et al., 2006), cromatografia de interação hidrofóbica (DUO-CHAN 2005), cromatografia de troca iônica (IKE et al., 2006), cromatografia de afinidade à quitina (KIM et al., 2007) e ainda cromatografia de afinidade à histidina em quitinases recombinantes (CHEN et al., 2007). Para uma purificação total geralmente se faz necessário a utilização de mais de um dos métodos acima. Fungos quitinolíticos, como o *T. harzianum* e o *Talaromyces flavus* (DUO-CHAN, 2006) apresentam mais de um tipo de quitinase, sendo essas diferentes quitinases purificadas de formas distintas.

Esse extenso estudo sobre as quitinases se deve ao fato da sua larga capacidade de aplicação na biotecnologia. A primeira aplicação da quitinases foi estudo de protoplastos e na citolocalização de quitina (MANOCHA & ZHONGHUA, 1997). Uma quitinase de *Enterobacter* sp NRG4 mostrou-se efetiva na produção de protoplastos de *T. reesei*, *Pleurotus florida*, *Agaricos florida* e *A. niger*. A destruição da parede celular e o isolamento do protoplasto são importantes para o estudo da síntese da parede celular, da síntese enzimática e da secreção de proteínas (DAHIYA et al., 2006).

A aplicação mais observada é no controle biológico. Muitas quitinases de fungos têm apresentado atividade contra patógenos de plantas e contra insetos que causam pestes na agricultura (DAHIYA et al., 2006). Quitinases de *T. harzianum* (DEMARCO et al., 2000), *Enterobacter* sp. NRG4 (DAHIYA et al. 2005) e *Fusarium chlamydosporum* (MATHIVANAN et al., 1998) já mostraram atividade inibitória contra alguns desses patógenos, podendo assim ser utilizadas como suplementos na produção de fungicidas e inseticidas.

As quitinases também têm sido aplicadas em processos de bioconversão. Em países costeiros, após o consumo de camarões, o exoesqueleto é descartado produzindo mais de 2,5 milhões de toneladas de lixo dessa natureza. O principal objetivo da aplicação da quitinase nesse processo é a conversão do lixo em produtos derivados de quitina que podem ser aproveitados. (DAHIYA et al., 2006).

As quitinases ainda podem ser aplicadas na medicina. Quitoligossacarídeos, glicosaminas e GlcNAc produzidos pelas quitinases possuem um imenso potencial farmacêutico. Quitohexose e quitopentose mostraram atividade antitumoral. Além dessas utilizações, as quitinases também podem ser usadas na produção de soluções oftalmológicas combinadas com antimicrobianos (DAHIYA et al., 2006).

Além das aplicações biotecnológicas, o estudo das quitinases também tem sido importante para obtenção de informações sobre a estrutura e o funcionamento da enzima no seu organismo produtor, e ainda, para obter informações sobre sua ação na virulência, quando oriunda de microrganismos patogênicos. Quitinases de *Trichomonas vaginalis* (LOIESAU et al., 2002) e *Candida albicans* (KELLY et al., 2004) já mostraram importante ação na patogênese da tricomoníase e da candidíase, respectivamente, através de estudos de infecção em animais.

JUSTIFICATIVA

II – JUSTIFICATIVAS

A PCM é a micose sistêmica de maior prevalência na América Latina, com maior número de relatos de casos no Brasil. A capacidade do *P. brasiliensis* de causar a PCM em suas diferentes manifestações clínicas, depende da complexidade de interações entre o fungo e o hospedeiro humano. Estudos de adesão e invasão do *P. brasiliensis* em células Vero observaram a presença do fungo no interior da célula na forma de protoplasto (HANNA et al., 2000). Assim, estudos de proteínas envolvidas no metabolismo da parede celular, como as quitinases, têm se mostrado importantes para o entendimento da patogênese e da biologia do fungo, pois elas podem auxiliar na remodelação, no crescimento e na autólise da célula fúngica. Além disso, as enzimas envolvidas no biossíntese da parede celular são importantes alvos para antifúngicos, pois atuariam em estruturas ausentes nos serem humanos diminuindo a toxicidade comum aos fármacos antifúngicos.

OBJETIVOS

III – OBJETIVOS

1. Purificação da quitinase recombinante, *Pbcts1r*, de *P. brasiliensis*.

Estratégias:

- clonagem do cDNA *Pb*CTS1 em vetor de expressão;
- indução da expressão da proteína recombinante em sistema bacteriano;
- purificação da proteína recombinante por cromatografia de afinidade.

2. Caracterização da proteína recombinante.

Estratégias:

-realização de ensaios de atividade enzimática em diferentes pHs e temperaturas;

- realização de ensaios de atividade enzimática na presença de diferentes íons, EDTA e SDS.

3. Identificação e análise da expressão da proteína *Pbcts1* em extratos protéicos de *P. brasiliensis*.

Estratégias:

- produção de anticorpos policlonais para *Pbcts1r*;
- extração de proteínas de diferentes fases e compartimentos de *P. brasiliensis*;
- realização de ensaios de *western blot*.

4. Purificação parcial e análise da expressão de quitinases de *P. brasiliensis* na fase leveduriforme.

Estratégias:

- extração de proteínas de diferentes fases e compartimentos do *P. brasiliensis*;
- purificação das quitinases por cromatografia de troca-iônica;
- realização de ensaios de atividade enzimática;
- realização de ensaios de *western blot*.

MANUSCRITO

Partial purification of two chitinases, *Pbcts1* and *Pbcts2*, from *Paracoccidioides brasiliensis*

Lidiane Aparecida da Penha Santana[1], Marilene Henning Vainstein[2], Ludier Kesser Santos-Silva[1], Alfredo Miranda Góes[3], Célia Maria de Almeida Soares[1], Maristela Pereira[1*].

[1]Laboratório de Biologia Molecular, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Goiás, C.P. 131, 74001-970, Goiânia, Goiás, Brazil. [2]Centro de Biotecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [3]Departamento de Bioquímica e Imunologia, Universidade Federal de Minas Gerais.

* Corresponding author. Phone/Fax: +55 62 3521 1110.

E-mail address: mani@icb.ufg.br

[1]Address: Laboratório de Biologia Molecular, Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 74001-970, Goiás, Brazil.

Keywords: *Paracoccidioides brasiliensis*, chitinase, dimorphic fungus, protein purification, cell wall.

Abstract

Paracoccidoides brasiliensis is a human pathogenic dimorphic fungus. The recombinant chitinase from *P. brasiliensis*, *Pbcts1r*, was overexpressed in *Escherichia coli* using pET-32a (+) as vector. The enzyme was produced as inclusion bodies and became soluble by Sarkosyl being purified by a single step using a Ni-NTA resin. *Pbcts1r* showed activity against 4-MU-$(GlcNAc)_3$ and 4-MU-$(GlcNAc)_2$, presenting a endochitinase activity. Immunoblot reaction with anti-*Pbcts1r* identified two proteins in yeast crude extract. A partial purification of *P. brasiliensis* yeast crude extract by cationic-exchange chromatography on HPLC revealed two different chitinases, *Pbcts1* and *Pbcts2*, with molecular mass of 45 kDa and 34 kDa, respectively. *Pbcts2* has exochitinase activity and *Pbcts1* has endochitinase activities. Reactions with anti-*Pbcts1r* showed the presence of *Pbcts1* and *Pbcts2* in crude extracts of yeast and transition from mycelium to yeast. On mycelium crude extracts was found only *Pbcts1* and on yeast cell wall extract only *Pbcts2*. Both proteins were found to be secreted by yeast parasitic phase showing their probable importance in the permanence of the fungus in the human host. Phylogenetic relationships between the orthologs *Pbcts1* and the putative *Pbcts2* indicated the presence of a common ancestral. During evolution, *P. brasiliensis* could have acquired *Pbcts2* and *Pbcts1* playing distinct roles in order to growth and survive in diverse environment on saprophytic and parasitic phases.

Introduction

Paracoccidioides brasiliensis is a dimorphic human pathogenic fungus, presenting in yeast phase during infection and in mycelium phase in the environment. The cell wall of *P. brasiliensis*, as in other fungi, has lipids, proteins, chitin, and glucan. In addition, it has been related to the pathogenesis (Silva et al., 1997; de Agostino Biella et al., 2006). The percentage of chitin in the cell wall of *P. brasiliensis* is between 7-18% in yeast phase and 37-48% in mycelium phase, showing the importance of this carbohydrate, as well as, enzymes related to cell wall metabolism on dimorphism and consequently in the infection process by this fungus (Kanetsuna et al., 1969).

Chitin is a polymer of β-1,4-linked N-acetylglucosamine (GlcNAc) found as major structural component in crustacean exoskeletons, insect cuticles, diatoms, and fungal cell walls. Chitinases (E.C. 3.2.1.14) hydrolyze chitin and can be classified in two families of glycoside hydrolases, 18 and 19, based on its amino acid sequence, structural homologies and mechanism of action (Henrissat & Bairoch, 1996).

Chitinases play important physiological (Colussi et al., 2005; Yamazaki, et al., 2007) and ecological roles (Kirubakaran et al., 2007) being present in a wide variety of organisms including bacteria, insects, virus, plants and animals. Fungal chitinases are important to nutrition, developmental processes, morphogenesis and control of pests (Dahiya et al., 2006; Binod et al., 2007). Many fungal chitinases have been purified and characterized and some microorganisms have presented more then one chitinase (Duo Chuan et al., 2006).

Until this moment, only one chitinase (*Pbcts1*) from *P. brasiliensis* was identified (Bonfim et al., 2006). In this work we overexpressed, purified and produce antibodies to the recombinant chitinase, *Pbcts1r*, from *P. brasiliensis*. We also purified partially chitinases from *P. brasiliensis* yeast cells, and described a second chitinase,

Pbcts2, which acts like an exochitinase. *Pbcts2* was found in cell wall extract of yeast cells suggesting its function in the cell wall biosynthesis process. *Pbcts1* and *Pbcts2* were secreted by yeast cells showing their probable importance in maintaining of *P. brasiliensis* in the human host. The phylogenetic relationship between the orthologs *Pbcts1* and the putative *Pbcts2* indicated that they have a common ancestral.

Materials and Methods

Fungus and growth conditions

P. brasiliensis, *Pb*01 isolate (ATCC-MYA-826), was used in this study. The fungus was cultivated in Sabouraud Dextrose solid medium (4% glucose, 1% peptone, 0.5% yeast extract, 0.1% brain-heart infusion, 1.2% agar) at 22°C for the mycelium phase and at 36°C for the yeast phase, during 15 and 7 days, respectively. For the transition from mycelium to yeast, the fungus growing at 22°C was transferred to liquid medium at 36°C and grown for 24 hours under shaking at 150 rpm.

Recombinant DNA preparation and transformation

The *Pb*CTS1 cDNA sequence was obtained and amplified by PCR using primers as described by Bonfim et al. (2006). Forward primer (5'-CAGATCCACCAGAATTCATGACG-3') and reverse primer (5'-CACCTCGAGCTACTCCCCAGG-5') were designed with *Eco*RI and *Xho*I sites (underlined), respectively, to facilitate cloning into the expression vector pET-32a(+) (Novagen), which contains an internal and C-terminal six-histidine tag. PCR conditions were: initial denaturation at 94°C for 3 min followed by 25 cycles at 94°C (1 min and 30 s), 58°C (2 min), 72°C (1 min and 30 s) and a final elongation at 72°C (10 min). The

PCR product was digested with *Eco*RI and *Xho*I and linked to pET-32a(+). The resulting plasmid was sequenced to confirm the sequence and after that was transformed into *Escherichia coli* BL21(DE3)/pLysS.

Production and purification of the recombinant protein

The transformed *E. coli* cells were grown at 37°C in LB-medium with 34 µg mL^{-1} chloramphenicol, 100 µg mL^{-1} ampicillin and 200 mM glucose at 200 rpm, until A_{600} reached 0.6-0.8. Expression was induced by the addition of isopropyl-β-D-thiogalactopyranoside (IPTG) (Sigma-Aldrich) at a final concentration of 1 mM. After that, the cells were incubated for 3 h at 37°C with shaking at 200 rpm, followed by harvesting by centrifugation at 10,000 *g* for 5 min at 4°C. The cell pellet was resuspended in PBS 1x and incubated for 1 h with 1 mg mL^{-1} of lysozyme and lysed by extensive sonication. The cell pellet was still incubated for 15 min on ice with 1% of Sarkosyl and shacked on vortex at each 5 min for 30 sec. The sample was then centrifuged at 4°C, 10,000 *g* for 20 min at 4°C and the supernatant, which contained the soluble protein fraction, was collected and treated with 2% Triton X-100. The recombinant chitinase was purified using Ni-NTA resin (Invitrogen). Briefly, the supernatant was applied on a Ni-NTA resin column. After washing twice with buffer (20 mM imidazole, 0.5 M NaCl, 50 mM sodium phosphate, pH 6.0), *Pbcts1r* was recovered using two different elution buffers (150 mM imidazole, 0.5 M NaCl, 50 mM sodium phosphate, pH 6.0; 250 mM imidazole, 0.5 M NaCl, 50 mM sodium phosphate, pH 8.0;). For further assays, the purified *Pbcts1r* was pooled, dialyzed in sodium acetate buffer pH 6.0 and cleaved by the addition of enterokinase to remove His-tag.

Antibody production

The purified *Pbcts1r* was used to produce anti-*Pbcts1r* polyclonal antibody in New Zealand rabbits. Rabbit preimmune serum was obtained and stored at -20ºC. The immunization protocol consisted of an initial injection of 200 µg of purified recombinant protein in complete Freund's adjuvant and two subsequent injections of the same amount of the antigen in incomplete Freund's adjuvant. Each immunization was followed by an interval of two weeks. After the third immunization, the serum containing anti-*Pbcts1r* polyclonal antibody was collected and stored at -20ºC. The serum reactivity to the *Pbcts1r* was tested by ELISA and Western blot.

Protein extraction of *P. brasiliensis*

Protein extracts were obtained by disruption of frozen cells. The protein extract was resuspended in Tris–Ca buffer [2 mM $CaCl_2$, 20 mM Tris-HCl, pH 8.8; protease inhibitor mix (GE Healthcare)], harvested and shacked for 20 min at 4ºC with glass beads. The complete cell breakage was verified by the failure of cells to grown on Sabouraud medium. The material was centrifuged once at 4ºC, 5,000 *g* for 15 min and the supernatant was harvested and centrifuged twice. The supernatant contains the crude protein extract. The first pellet obtained was washed five times with distilled water, after was rinsed with different concentrations of NaCl (85 mM; 34 mM; 17 mM) and boiled three times in SDS–extraction buffer (50 mM Tris–HCl, pH 8.0, 2% SDS, 100 mM EDTA, 10 mM DTT). The pellet obtained was washed six times with water, ressuspend with Tris-Ca buffer and stored as extract of cell wall proteins (Pitarch et al., 2002). The yeast proteins of culture medium were obtained by filtration of the Sabouraud Dextrose medium, after *P. brasiliensis* growth during 24 h. After, this extract was dialyzed against distilled water and concentrated with 20% trichloroacetic acid and acetone.

Purification of native chitinases from *P. brasiliensis*

Soluble protein crude extract of yeast was dialyzed against distilled water and after, against 50 mM sodium acetate buffer, pH 5.4 (buffer A). The dialyzed was filtered through a 0.22 µm filter then applied to a CM SepharoseTM Fast Flow previously equilibrated with buffer A and connected to a HPLC Äkta purifier (GE Healthcare). The proteins were eluted with a linear gradient of buffer A containing 0 to 1 M NaCl with a flow rate of 1mL min^{-1} and by collecting 1 mL of washing fractions and 0.5 mL of elution fractions. The collected elution fractions were dialyzed against distilled water and after that, all fractions had chitinase activity tested with standard assay.

Western blot analysis

After separation by one-dimensional gel electrophoresis, the proteins were transferred to a nylon membrane and checked by Ponceau S to determine equal loading. The membrane was washed with water and incubated in buffer containing 50 mM PBS, 0.1% (v/v) Tween-20, 5% (w/v) skimmed milk powder for 18 h at 4°C. The *P. brasiliensis* chitinases were detected with the anti-*Pbcts1r* (diluted 1:500 in PBS). The second antibody was alkaline phosphatase coupled anti-rabbit immunoglobulin G (Invitrogen). The reactions were developed with 5-bromo-4-chloro-3-indolylphosphate/ nitro-bluetetrazolium (BCIP/NBT). Negative controls were obtained with rabbit preimmune serum.

Enzyme activity assay

The chitinase activity was determined as previously described by Selvaggini et al. (2004) with some modifications, using as substrates 4-methylumbelliferyl-N-N'-N''-diacetylchitobiose [4-MU-$(GlcNAc)_2$], which can indicates exochitinase activity, or 4-methylumbelliferyl-N-N'-N''-triacetylchitotriose [4-MU-$(GlcNAc)_3$] (Sigma-Aldrich), which indicates endochitinase activity. In standard assay, 20 µL of appropriately diluted enzyme solution was incubated with 5 µL of 0.4 mM substrate solution and 80 µL of 100 mM citrate-phosphate buffer, pH 5.0 at 37°C for 30 min. The reaction was stopped by adding 120 µL glycine/NaOH buffer, pH 10.6. After 5 min of incubation was proceeded a reading at 355 nm excitation and 460 nm emission in a spectrofluorometer (spectraMax M2^e, Molecular Devices). One unit of enzyme activity was defined as the amount of enzyme necessary to produce 1 pmol of 4-MU per mL min^{-1}.

Electrophoresis and protein determination

Sodium dodecyl sulfate-polyacrilamide gel electrophoresis (SDS-PAGE) was carried out under denaturating conditions, as described by Laemmli (1970). Proteins were separated on 10% SDS-PAGE gel followed by staining with Coomassie brilliant Blue. Protein concentration was measured according to the method of Bradford (1976) using bovine serum albumin as the standard.

Comparison of sequences and inferred phylogeny

Pbcts1 and *Pbcts2*, a putative chitinase of 34 kDa obtained from BROAD Institute (http://www.broad.mit.edu/annotation/genome/paracoccidioides_brasiliensis.1/MultiHome.html) were aligned with chitinases from National Center for Biotechnology Information (NCBI) server (http://www.ncbi.nlm.nih.gov) (Altschul et al., 1990). The

phylogenetic relationships among chitinases were generated with 75 complete ascomycetes chitinases. One chitinase from *Cryptococcus neoformans*, a basidiomycete, was used as out group. One phylogenetic tree constructed by multiple sequence alignments using CLUSTAL X (Thompson et al., 1997) was generated by the neighbor-joining method (Saitou et al., 1987) and visualized using the TreeView software (http://taxonomy.zoology.gla.ac.uk/rod/treeview.html). Robustness of branches was estimated using 100 bootstrap replicates and indicates the percentage of times that all species appear as a monophyletic cluster.

Results

Expression and purification of *Pbcts1r* protein

Aiming to obtain the recombinant protein, the cDNA encoding to *Pb*CTS1 was subcloned into the expression pET-32a(+) vector, which contains a fused His_6-tag. The protein was not present in crude extracts from non induced *E. coli* cells carrying the expression vector (Fig 1A, lane 1). After induction with IPTG, a 58 kDa recombinant protein was detected in bacterial lysates (Fig 1A, lane 2). The fusion protein was purified from bacterial lysates using Ni-NTA and was cleavage with enterokinase (Invitrogen) to remove His-tag (Fig 1A, lane 3). The molecular mass of *Pbcts1r* correlated with the predicted size of 45 kDa. An aliquot of the purified recombinant protein was used to generate rabbit polyclonal anti-recombinant *Pbcts1* antibody. The purified recombinant protein was blotted to nylon membrane and reacted to the polyclonal antibody (Fig. 1B, lane 1). No cross-reactivity to the rabbit preimmune serum was visualized (Fig. 1B, lane 2).

Immunological detection of *P. brasiliensis* chitinases

The rabbit polyclonal antibody generated from the purified recombinant protein was used to detect the presence of *Pbcts1* in different phases and compartments of the fungal cell (Fig. 2A). *Pbcts1* was found in crude extract of mycelium, during transition from mycelium to yeast and in crude extract of yeast cells (Fig. 2A, lanes 1, 2, 3, respectively). *Pbcts1* was not detected in the yeast cell wall (Fig. 2, lane 4), but it was present in the secreted fraction of yeast (Fig. 2, lane 5). A new chitinase protein, *Pbcts2*, with a molecular mass estimated of 34 kDa was also observed in the immunoblot. *Pbcts2* was not detected in mycelium phase (Fig. 2A, lane 1), but it was present during transition from mycelium to yeast (Fig. 2A, lane 2) and at the yeast phase (Fig. 2A, lane 3). Differently of *Pbcts1*, *Pbcts2* was found in all protein extracts of yeast cells analyzed, including cell wall (Fig. 2A, lane 4). The finding of a new chitinase from *P. brasiliensis*, *Pbcts2*, is reinforced by no cross-activity to the rabbit preimmune serum (Fig 2B, lanes 1 to 5).

Partial purification of *P. brasiliensis* chitinases and activity assay

To corroborate our hypothesis of a second chitinase in *P. brasiliensis*, it was performed a partial purification of protein crude extract of yeast cells by using cationic exchange chromatography. Two protein peaks were detected together with peaks of chitinase activity (Fig. 3). In the first peak was found a higher activity toward 4-MU-$(GlcNAc)_3$ and in the second peak was found a higher activity toward 4-MU-$(GlcNAc)_2$. Table 1 shows the specific activity of chitinases from yeast crude extract and from those peaks above. Thus, to confirm the presence of chitinase on those fractions, an immunobloting analysis was performed. To that analysis, three fractions were investigated (Fig. 3B). Two of the fractions analyzed (fractions 3 and 5) were collected

during washing of the column; the other one (fraction 34) was collected during the linear gradient of NaCl. On fraction 3 was observed the presence of both proteins, one of 45 kDa and the other of 34 kDa, corresponding to *Pbcts1* and *Pbcts2*, respectively (Fig. 3B, lane 2). In addiction, on fraction 3, was found a small activity toward 4-MU-$(GlcNAc)_2$ and a higher activity toward 4-MU-$(GlcNAc)_3$ (Table 1). On fraction 5, which had *Pbcts1*, but not *Pbcts2* (Fig. 3B, lane 3), it was detected a high activity toward 4-MU-$(GlcNAc)_3$ indicating a endochitinase activity (Fig 3A; Table 1). In the fraction 34, was found *Pbcts1* and *Pbcts2* (Fig 3B, lane 4). The higher activity toward 4-MU-$(GlcNAc)_2$ than to 4-MU-$(GlcNAc)_3$, indicating a exochitinase activity, was attributed to *Pbcts2*, since *Pbcts1* had a strong endochitinase activity (Table 1). In addition, a strong reaction to *Pbcts2* was observed on western blot.

The chitinase activity of *Pbcts1r* was performed. The recombinant chitinase showed higher specific activity toward hydrolyze of 4-MU-$(GlcNAc)_3$ (142,92 U/mg) than toward 4-MU-$(GlcNAc)_2$ (52,32 U/mg), indicating a endochitinase activity, similarly to *Pbcts1* activity.

Phylogenetic analysis

A search on genome of *P. brasiliensis*, isolate *Pb*01, available on database from BROAD Institute, was realized aiming to find a putative chitinase gene encoding to *Pb*CTS2. From this search, one putative chitinase gene with a predict size of 34 kDa was found and named *Pbcts2*. To visualize the relationship between *Pbcts1* and *Pbcts2* in terms of amino acid sequence similarity, a phylogenetic tree was constructed with others complete chitinases sequences from ascomycetes available on NCBI database (Altschul et al., 1990) using neighbor-joining method. The sequences are shown in Fig. 4, with their respective database entry accession. The orthologs *Pbcts1* and *Pbcts2*

segregated early and clustered separately indicating a common ancestral. The bigger length of the branch to *Pbcts2* than to *Pbcts1* suggests that *Pbcts2* evolved more than *Pbcts1*.

Discussion

Some chitinases from pathogenic fungus has been described, but no one of *P. brasiliensis* was purified and characterized yet. In order to overexpress, purify and produce antibodies of *Pbcts1* we cloned the *Pb*CTS1 cDNA into pET 32a(+) vector and transformed *E. coli* BL21(DE3)/pLysS. This vector allowed a single step of purification due to addiction of a histidine tag.

The purification of *Pbcts1r* allowed the production of antibodies and analysis of the presence of *Pbcts1* in different cellular compartments of *P. brasiliensis*. Immunological analysis indicated the presence of *Pbcts1* in crude extract of mycelium, transition from mycelium to yeast and yeast cells. These results are according with that reported by Bonfim et al. (2006), which showed the presence of *Pb*CTS1 transcripts in that phases. The strong signal of *Pbcts1* in yeast (see figure 2A), parasitic form of *P. brasiliensis*, in medium culturing yeast cells, and its expression in experimental infection conditions (Bonfim et al., 2006) suggest the importance of this protein on pathogeneses.

Studies about *P. brasiliensis*, strain IVIC *Pb*9, found activity of chitinase in culture medium, but do not in the protein crude extracts of yeast (Flores-Carréon et al., 1979). Here, *Pbcts1* was found in culture medium also. The activity of *Pbcts1* in the crude extracts of yeast cells in isolate *Pb*01, could be explained by the difference existent between the isolates, and by the substrates used.

Bonfim et al. (2006) described in *Pb*CTS1 a glycosaminoglycan attachment site and laminin G, a domain of binding to heparin. These domains mediate mycobacterium adhesion to lung epithelial cells and macrophages (Jeffery, 1999) and contribute to cell invasion and systemic dissemination in the host cells (Adams, 2004). Here, we found the presence of *Pbcts1* in culture medium of yeast showing that this protein is secreted and could act during adhesion of *P. brasiliensis* in human host.

The majority of chitinases described are secreted but some of them are found on cell wall, like chitinases from *Piromyces communis* (Sakurada et al., 1998), *Candida albicans* (Iranzo et al., 2002) and *A. fumigatus* (Hearn et al., 1998). *Pbcts1* was not detected in cell wall fraction suggesting that it could not participate of the yeast cell wall biosynthesis.

Although chitinases have been studied extensively, the nomenclature of chitinolytic enzymes is until confuse. Nevertheless, most of those enzymes are divided into three modes of action: endochitinases, exochitinases and β-N-acetylglucosaminadases. Endochitinases (E.C. 3.2.1.14) cleave chitin randomly and form multimers of GlcNAc such as chitotetraose, chitotriose and chitobiose; exochitinases, also named in past as chitobiosidades, releases chitobiose units from one end and no monosaccharides or oligosaccharides are formed; and β-N-acetylglucosaminidases (E.C. 3.2.1.52) cleave chitin polymers into GlcNAc monomers (Sahai & Manocha, 1993).

Many fungi like *C. albicans*, *A. fumigatus* and *Sacharomyces cerevisae* have more then one chitinase, each one acting at a different way as endoquitinases, exoquitinases or β-N-acetylglucosaminidases. In this work, we also found a second chitinase of *P. brasiliensis*, *Pbcts2*, which has different properties of *Pbcts1*. The recognition of *Pbcts2* by anti-*Pbcts1r* could be explained by the similarity between

these proteins, which probably, share antigenic determinants. Antibodies recognize a relatively small component of an antigen and due to it they can cross-react with similar epitopes on other antigens (Lipman et al., 2005). During partial purification of the yeast crude extract, the fraction 34 had a strong signal level to *Pbcts2* and a high activity toward 4-MU-$(GlcNAc)_2$, which could be attributed to *Pbcts2*, since only a few quantity of *Pbcts1* was found in that fraction. In addition, *Pbcts1* has a higher activity toward 4-MU-$(GlcNAc)_3$ than toward 4-MU-$(GlcNAc)_2$.

Pbcts2 was not present in mycelium and was found in all proteins extracts of yeast cells analyzed. Since *Pbcts2* is present in the cell wall, it could participate on the yeast cell wall biosynthesis, maintaining that structure. In addition, the presence of *Pbcts2* during transition from mycelium to yeast and in extracellular medium of yeast cells could suggests its importance on the pathogeneses process. The molecular mass of the *Pbcts2* was estimated to be 34 kDa. Some fungal chitinases with molecular mass around 30-33 kDa have been studied (De la Cruz, 1992; Duo-Chan, 2005; Hoell, 2005) and the majority of them are secreted.

The phylogenetic relationship between the orthologs *Pbcts1* and the putative *Pbcts2*, obtained from BROAD Institute database, showed that they segregated early in the phylogenetic history, and clustered separately indicating a common ancestral. The bigger length of the branch to *Pbcts2* than to *Pbcts1* suggests that *Pbcts2* evolved more than *Pbcts1*. The same characteristics can be evidenced to *Emericella nidulans* (*E. nid* 1 and *E. nid 2*) and *Coccidioides immits* (*C. imm* 1 and *C. imm 2*). The multiple and diverse roles played by fungal chitinases is known (Duo-Chuan, 2006). In this way, during evolution, *P. brasiliensis* could have acquired *Pbcts2* and *Pbcts1* in order to growth and survive in different environment on saprophytic and parasitic phases.

Acknowledgements

This work at Universidade Federal de Goiás was supported by Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD) and International Foundation for Science (IFS), Stockholm, Sweden, through a grant to Maristela Pereira. L.A.P.S. and L.K.S.S. were supported by a fellowship from CAPES.

References

Adams DJ (2004) Fungal cell wall chitinases and glucanases. Microbiology. 150(Pt 7):2029-35.

Altschul A F, Gish W, Miller EW, Myers EW, Lipman DJ (1990) Basic local alignment search tools. J. Mol. Biol. 215:403-410.

Binod P, Sukumaran RK, Shirke SV, Rajput JC, Pandey A (2007) Evaluation of fungal culture filtrate containing chitinase as a biocontrol agent against *Helicoverpa armigera*. J Appl Microbiol. 103(5):1845-52.

Bonfim SM, Cruz AH, Jesuino RS, Ulhoa CJ, Molinari-Madlum E.E., Soares C.M., Pereira M (2006) Chitinase from *Paracoccidioides brasiliensis*: molecular cloning, structural, phylogenetic, expression and activity analysis. FEMS Immunol Med Microbiol. 46(2):269-83.

Bradford MM (1976) A rapid and sensitive method for the quantitation of microgram quantities of protein utilizing the principle of protein-dye binding. Anal Biochem. 72:248-54.

Colussi PA, Specht CA, Taron CH (2005) Characterization of a nucleus-encoded chitinase from the yeast *Kluyveromyces lactis*. Appl Environ Microbiol. 71(6):2862-9.

Dahiya N, Tewari R, Hoondal GS (2006) Biotechnological aspects of chitinolytic

enzymes: a review. Appl Microbiol Biotechnol. 71:773-782.

de Agostino Biella C, Uecker M, Fernandes da Silva M, Barbosa JE, Silva CL, Crott LS (2006) Investigation of the role of complement and complement receptors in the modulation of B cell activation by a *Paracoccidioides brasiliensis* cell wall fraction. Clin Immunol. 118(2-3):324-31.

De la Cruz J, Hidalgo-Gallego A, Lora JM, Benitez T, Pintor-Toro JA, Llobell A (1992) Isolation and characterization of three chitinases from *Trichoderma harzianum*. Eur J Biochem. 206(3):859-67.

Duo-Chuan LI, Chen S, Jing LU (2005) Purification and partial characterization of two chitinases from the mycoparasitic fungus *Talaromyces flavus*. Mycopathologia. 159(2):223-9.

Duo-Chuan L (2006) Review of fungal chitinases. Mycopathologia. 161(6):345-60.

Flores-Carreón A, Gómez-Villanueva A, San Blas G (1979) β-1,3-glucanase and dimorphism in *Paracoccicidioides brasiliensis*. Antonie van Leeuwenhoek, 45:265-274.

Hearn VM, Escott GM, Glyn E, Evans V. and Adams DJ (1998) Complex chitinolytic system of *Aspergillus fumigatus*. Microbios 93:85-104.

Henrissat B, Bairoch A (1996) Updating the sequence based classification of glycosyl hydrolases, Biochem. J. 316:695– 696.

Hoell IA, Klemsdal SS, Vaaje-Kolstad G, Horn SJ, Eijsink VG (2005) Overexpression and characterization of a novel chitinase from *Trichoderma atroviride* strain P1. Biochim Biophys Acta. 1748(2):180-90.

Iranzo M, Aguado C, Pallotti C, Cañizares JV, Mormeneo S (2002) The use of trypsin to solubilize wall proteins from *Candida albicans* led to the identification of chitinase 2 as an enzyme covalently linked to the yeast wall structure. Res Microbiol.

153(4):227-32.

Jeffrey CJ (1999) Moonlight proteins. TIBS 24:8-11.

Kanetsuna F, Carbonell LM, Moreno RE, Rodriguez J (1969) Cell wall composition of the yeast and mycelial forms of *Paracoccidioides brasiliensis*. J Bacteriol. 97(3):1036-41.

Kirubakaran SI, Sakthivel N (2007) Cloning and overexpression of antifungal barley chitinase gene in *Escherichia coli*. Protein Expr Purif. 52(1):159-66.

Laemmli UK (1970) Clevage of structural proteins during the assembly of head of becteriophage T4. Nature. 2227:680-685.

Lipman NS, Jackson LR, Trudel LJ, Weis-Garcia F (2005) Monoclonal versus polyclonal antibodies: distinguishing characteristics, applications, and information resources. ILAR J. 46(3):258-68.

Pitarch A, Sánchez M, Nombela C, Gil C (2002) Sequential fractionation and two-dimensional gel analysis unravels the complexity of the dimorphic fungus *Candida albicans* cell wall proteome. Mol Cell Proteomics. 1(12):967-82.

Sahai, AS & Manocha, MS (1993) Chitinases of fungi and plants: their involvement in morphogenesis and host-parasite interaction. FEMS Microbiol. Rev. 11:317-338.

Saitou N, Nei M (1987) The neighbour-joining method: a new method for reconstructing phylogenetic trees. Mol. Biol. Evol. 4:406–425.

Sakurada M, Morgavi DP, Ushirone N, Komatani K, Tomita Y, Onodera R (1998) Purification and characteristics of membrane-bound chitinase of anaerobic ruminal fungus *Piromyces communis* OTS1. Curr Microbiol. 37(1):60-3.

Selvaggini S, Munro CA, Paschoud S, Sanglard D, Gow NA (2004) Independent regulation of chitin synthase and chitinase activity in *Candida albicans* and

Saccharomyces cerevisiae. Microbiology. 150(Pt 4):921-8.

Silva MF, Bocca AL, Ferracini R Jr, Figueiredo F, Silva CL (1997) Cellular requirements for immunomodulatory effects caused by cell wall components of *Paracoccidioides brasiliensis* on antibody production. Clin Exp Immunol. 109(2):261-71.

Thompson, JD, Gibson TJ, Plewniak F, Jeanmougin F, Higgins DG (1997) The Clustal X windows interface: flexible strategies for multiple sequence alignment aided by quality analysis tools. Nucleic Acids Res. 25:4876–4882.

Yamazaki H, Yamazaki D, Takaya N, Takagi M, Ohta A, Horiuchi H (2007) A chitinase gene, chiB, involved in the autolytic process of *Aspergillus nidulans*. Curr Genet. 51(2):89-98.

Table 01

Table 1. Specific activity in different fractions from cationic exchange chromatography

Fraction number	Specific activity (U^a/mg)	
	Exochitinase	**Endochitinase**
Yeast crude extract	1,014	3,721
3	1,745	7,101
5	2,140	9,698
34	10,457	1,867

[a]One unit of enzyme activity was defined as the amount of enzyme necessary to produce 1 pmol of 4-MU per mL min^{-1}.

Figure legends

Fig. 1. Analysis of the recombinant *Pbcts1*. (A) The proteins were analyzed by 10% SDS-PAGE, and stained with Coomassie brilliant blue R-250. Lane 1, total protein from non induced *E. coli* BL21(DE3)/pLysS containing pET-32a(+); lane 2, proteins prepared from *E. coli* BL21(DE3)/pLysS after induction with IPTG; lane 3, *Pbcts1r* purified. (B) Western blot of purified chitinase after incubation with anti-*Pbcts1r* (lane 1) and with rabbit preimmune serum (lane 2). The arrow indicates the overexpressed chitinase protein.

Fig. 2. Western blot analyses of *P. brasiliensis* chitinases. (A) The proteins were transferred from SDS-PAGE gel to a nylon membrane and incubated with *anti-Pbcts1r*. (B) The reactivity of *P. brasiliensis* proteins was analysed by western blotting with rabbit preimmune serum. Lane 1, crude extract from mycelium; lane 2, crude extract from mycelium in transition to yeast cells during 24 hours; lane 3, crude extract from yeast; lane 4, yeast cell wall extract; lane 5, yeast secreted proteins. The numbers on the left indicate the size of proteins. In each lane it was used 20 μg of total protein.

Fig. 3. Purification analysis of *P. brasiliensis* chitinases. (A) Cationic exchange chromatography profile of yeast crude extract on HPLC and profile of chitinase activity were plotted. Bound proteins were eluted with a linear gradient of 0-1 M of NaCl (dashed line). Solid line: absorbance at 280 nm in mAU; -●-: exochitinase activity; -○-: endochitinase activity. (B) Three fractions of this purification were analyzed by western blot using anti-*Pbcts1r*. Lane 1, crude extract from yeast cells; Lanes 2, 3 and 4 corresponding to fractions 3, 5 and 34 of the cationic exchange chromatography,

respectively. The left numbers indicate the size of proteins. In each lane was used 20 µg of total protein.

Fig. 4. Phylogenetic tree illustrating the relationship among *Pbcts1*, *Pbcts2* and others chitinases. Sequences were aligned and subjected to phylogenetic analysis using minimum evolution (neighbour-joining). The numbers on branches indicate bootstrap values obtained for 100 replications. The species (named with binomial name) and the respective GenBank accession numbers are shown following: *Ajellomyces capsulatus 1* (AAF80370); *Ajellomyces capsulatus 2* (AAG41982); *Ajellomyces dermatitidis* (AAF80371); *Aphanocladium álbum* (P32470); *Aspergillus clavatus* (EAW13716); *Aspergillus fumigatus 1* (AAO61685); *Aspergillus fumigatus 2* (AAO61686); *Aspergillus nidulans* (AAG34171); *Beauveria bassiana 1* (AAN41259); *Beaveria bassiana 2* (AAN41261); *Bionectria.ochroleuca 1* (ABV57861); *Bionectriaochroleuca 2* (ABD48217); *Blumeria graminis* (AAK84437). *Botryotinia fuckeliana 1* (AAM94807); *Botryotinia fuckeliana 2* (AAM94405); *Candida albicnas 1* (AAG35112); *Candida albicans 2* (AAA68015); *Coccidioides immitis 1* (2204242A); *Coccidioides immitis 2* (Q1EAR5); *Coccidioides posadasii 1* (P54196); *Coccidioides posadasii 2* (AAO88269); *Coccidioides posadasii 3* (AAP46398); *Coccidioides posadasii 4* (AAR18253); *Coccidioides posadasii 5* (AAP80452); *Coccidioides posadasii 6* (AAR18252); *Chaetomium cupreum* (ABK27625) ; *Chaetomium globosum* (ABI95487); *Coniothyrium minitans* (AAG00504); *Emericella nidulans 1* (BAA36223); *Emericella nidulans 2* (BAA35140); *Hypocrea jecorina 1* (DAA05858); *Hypocrea jecorina 2* (DAA05857); *Hypocrea jecorina 3* (DAA05859); *Hypocrea jecorina 4* (DAA05855); *Hypocrea jecorina 5* (DAA05853); *Hypocrea jecorina 6* (DAA05849); *Hypocrea jecorina 7* (DAA05852); *Hypocrea jecorina 8* (DAA05851); *Hypocrea*

jecorina 9 (DAA05866); *Hypocrea virens 1* (AAL78814); *Hypocrea virens 2* (AAL78812); *Hypocrea lixii 1* (CAA55928); *Hypocrea lixii 2* (AAT47713); *Isaria farinosa* (ABD64606); *Isaria javanica* (AAZ83728); *Lecanicillium lecanii 1* (AAX56961); *Lecanicillium lecanii 2* (AAV98692); *Lecanicillium psalliotae* (ABQ57240); *Metarhizium anisopliae 1* (AAY32603); *Metarhizium anisopliae 2* (AAC33265); *Metarhizium flavoviride* (CAB44709); *Neorospora crassa 1* (XP_965309); *Neorospora crassa 2* (XP_957924); *Neosartorya fischeri 1* (XP_001261690); *Neosartorya fischeri 2* (XP_001266139); *Neosartorya fischeri 3* (XP_001263706); *Neosartorya fischeri 4* (XP_001261767); *Nomuraea rileyi* (AAP04616); *Paecilomyces lilacinus* (ABP37997); *Paracoccidioides brasiliensis 1* (AAQ75798); *Pichia guilliermondii* (ABY81886); *Pichia stipitis 1* (XP_001386607); *Pichia stipitis 2* (XP_001385362); *Pichia stipitis 3* (XP_001387623); *Pichia stipitis 4* (XP_001384092); *Sacharomyces cerevisae 1* (P29029); *Sacharomyces cerevisae 2* (Q06350); *Thermoascus aurantiacus var. levisporus* (ABS00927); *Trichoderma atroviride* (ABO38127); *Trichoderma hamatum* (AAP15043); *Trichoderma lanugenosus* (AAY99632); *Trichoderma viride* (ABR27743); *Verticillium fungicola* (AAP45631).

Fig. 01

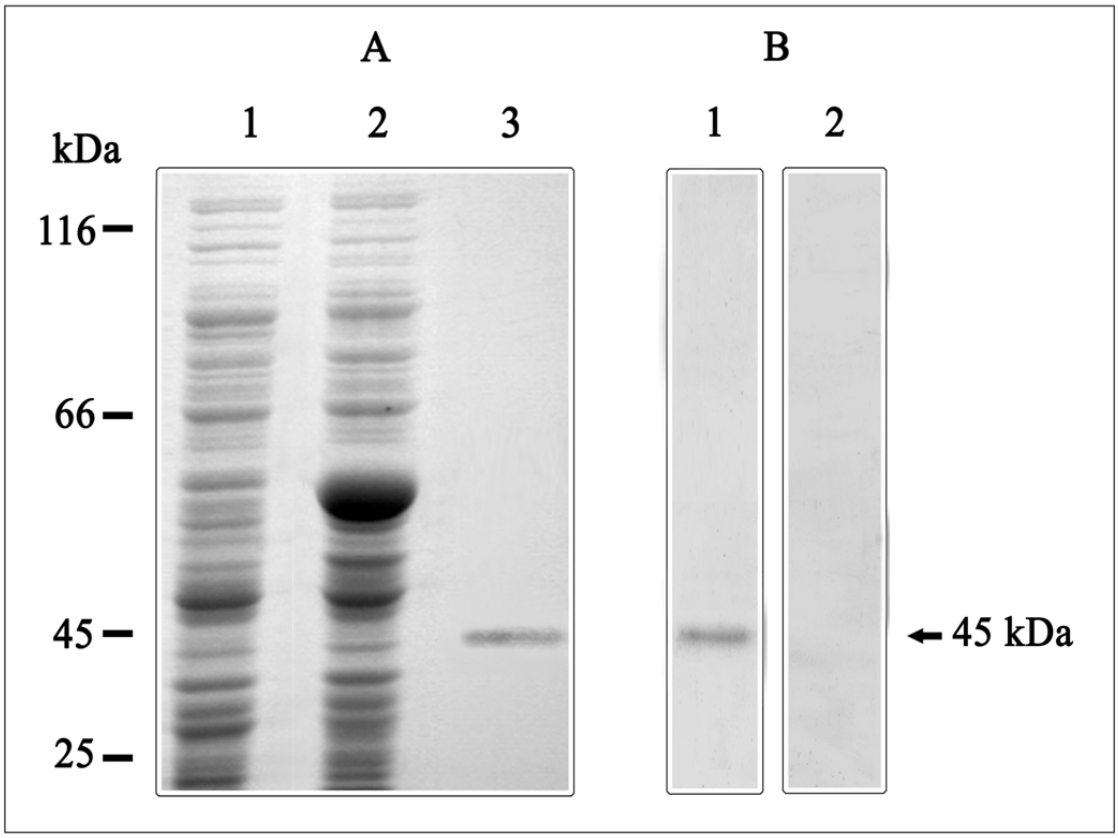


Fig. 02

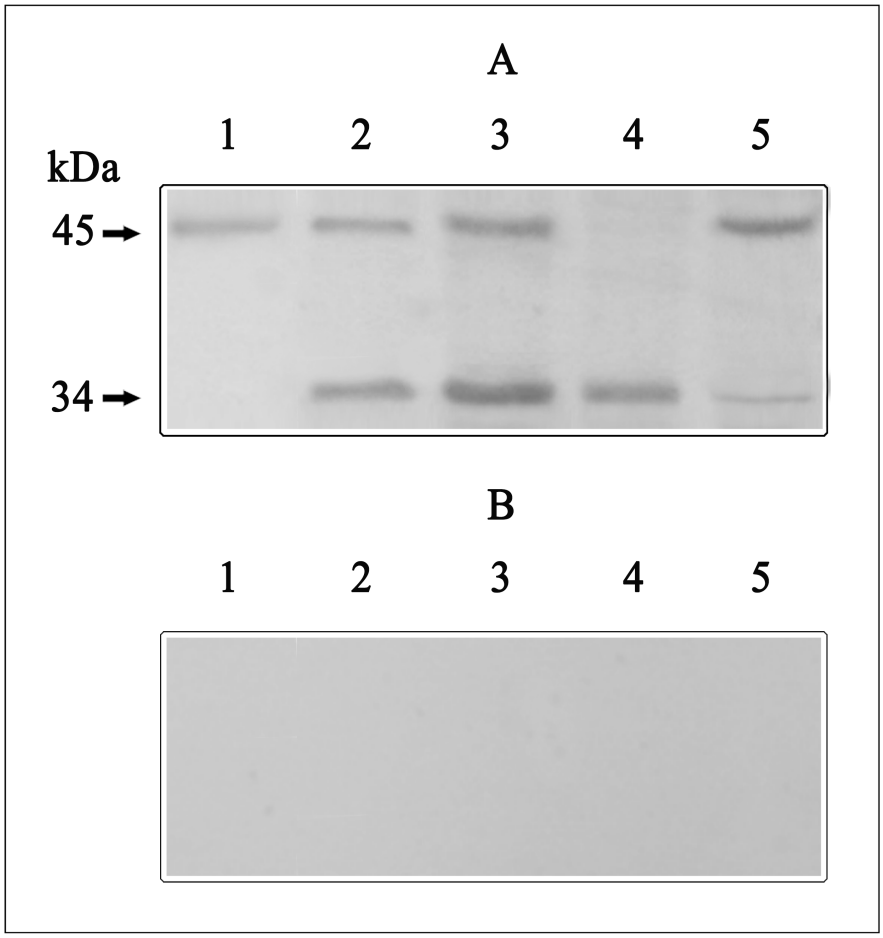


Fig. 03

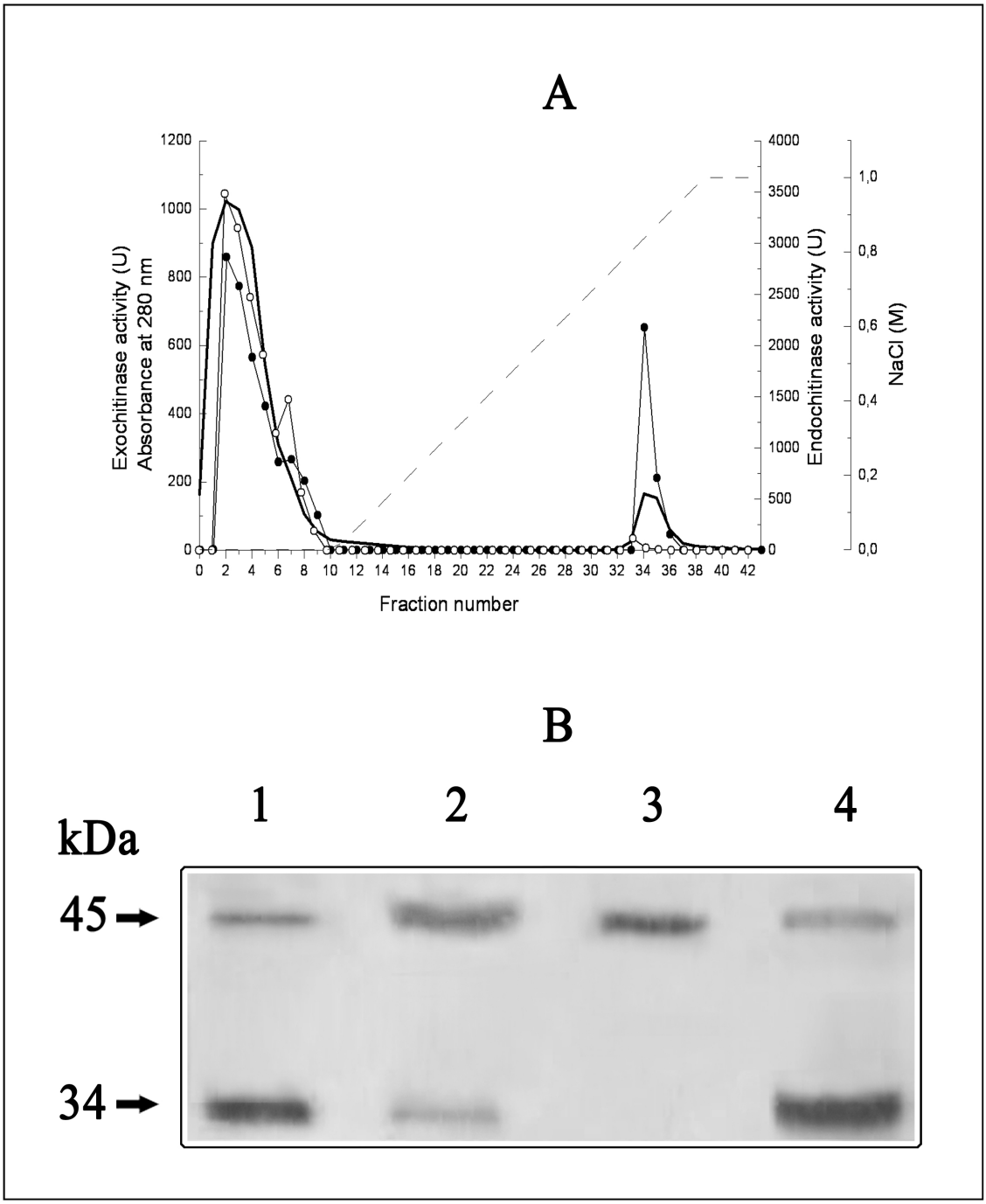
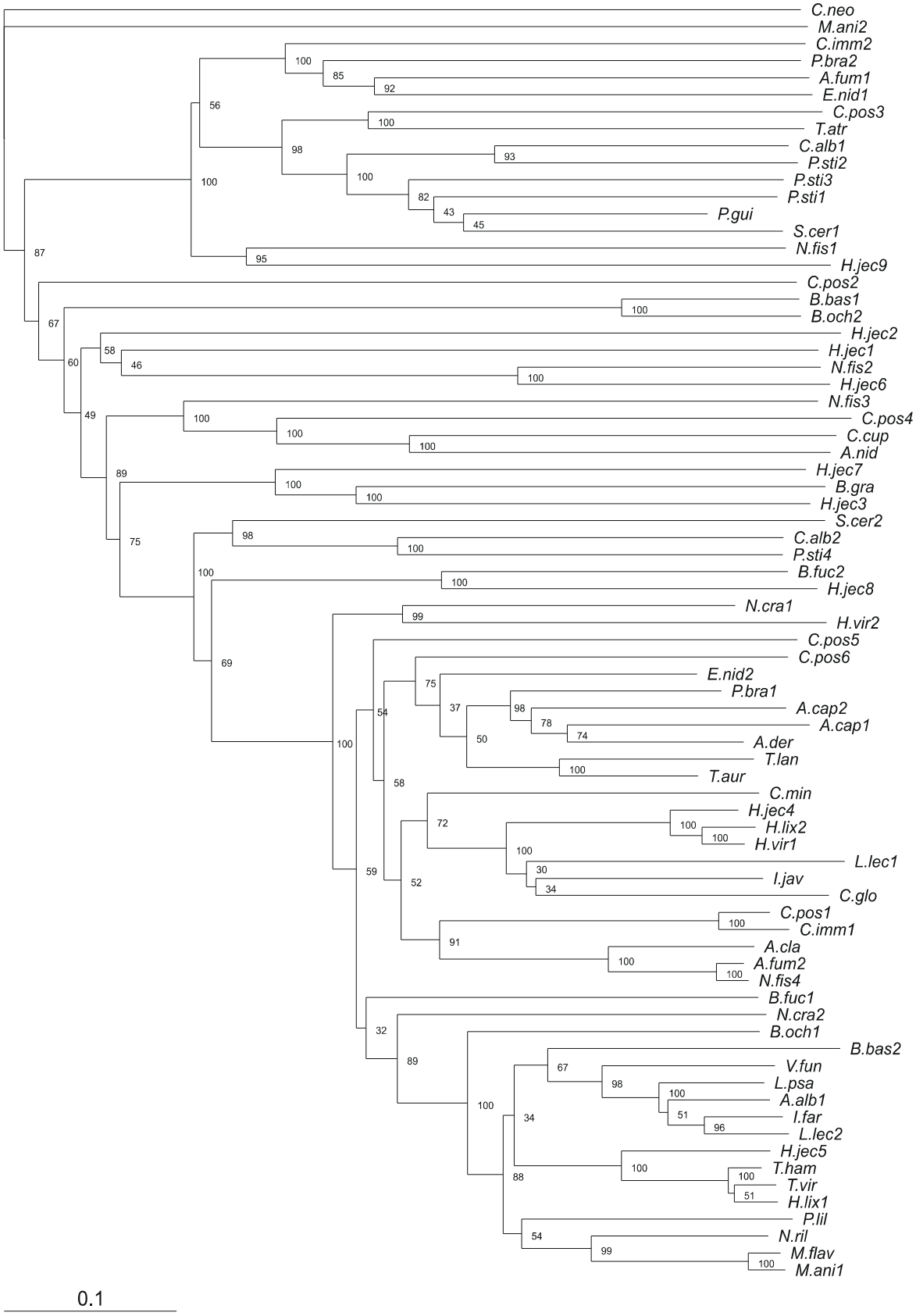

A
Exochitinase activity (U)
Absorbance at 280 nm
Endochitinase activity (U)
NaCl (M)
Fraction number
B
1
2
3
4
kDa
45
34

Fig. 04


C.neo
M.ani2
C.imm2
P.bra2
A.fum1
E.nid1
C.pos3
T.atr
C.alb1
P.sti2
P.sti3
P.sti1
P.gui
S.cer1
N.fis1
H.jec9
C.pos2
B.bas1
B.och2
H.jec2
H.jec1
N.fis2
H.jec6
N.fis3
C.pos4
C.cup
A.nid
H.jec7
B.gra
H.jec3
S.cer2
C.alb2
P.sti4
B.fuc2
H.jec8
N.cra1
H.vir2
C.pos5
C.pos6
E.nid2
P.bra1
A.cap2
A.cap1
A.der
T.lan
T.aur
C.min
H.jec4
H.lix2
H.vir1
L.lec1
I.jav
C.glo
C.pos1
C.imm1
A.cla
A.fum2
N.fis4
B.fuc1
N.cra2
B.och1
B.bas2
V.fun
L.psa
A.alb1
I.far
L.lec2
H.jec5
T.ham
T.vir
H.lix1
P.lil
N.ril
M.flav
M.ani1
0.1

CONCLUSÃO

IV – CONCLUSÃO

De acordo com o os experimentos realizados concluímos que:

● a proteína recombinante *Pbcts1* foi expressa em *E. coli* BL21 (D3)/plysS na forma de corpos de inclusão, os quais foram solubilizados pela adição de sarkosyl a 1%;

● através de experimentos de *western blot* com anticorpo policlonal produzido contra a *Pbcts1r*, foi observado que a *Pbcts1* é encontrada no extrato bruto de levedura, micélio e da transição de micélio para levedura. É encontrada ainda no meio de cultura de levedura, como uma proteína secretada, podendo estar associada ao processo patogênico. Dentre os extratos analisados a *Pbcts1* só não foi encontrada no extrato de parede celular, sugerindo não estar associada com a manutenção da fase leveduriforme;

● devido à presença de dois sinais positivos no ensaio de *western blot* e ainda à presença de dois picos de atividade de quitinase na purificação parcial do extrato bruto de levedura, conclui-se que *P. brasiliensis* apresenta pelo menos duas quitinases: *Pbcts1* e *Pbcts2*;

● *Pbcts1* apresenta atividade de endoquitinase, assim como *Pbcts1r*;

● *Pbcts2* apresenta atividade de exoquitinase sendo expressa nos extratos brutos de levedura e transição de micélio para levedura; mas não foi identificada no extrato de micélio. A *Pbcts2* ainda foi encontrada na parede celular e no meio de cultura de levedura. Assim, esta proteína poderia estar relacionada com o processo de dimorfismo

do fungo, manutenção da parede celular da fase leveduriforme, bem como no processo de patogênese.

PERSPECTIVAS

V – PERSPECTIVAS

A partir deste trabalho temos as seguintes perspectivas:

- Ensaios de adesão celular;
- Ensaios de inibição fúngica *in vitro*;
- Ensaios de atividade para amilase;
- Citolocalização de *Pbcts1* e *Pbcts2*;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

V – BIBLIOGRAFIA

Ahmadian G, Degrassi G, Venturi V, Zeigler DR, Soudi M, Zanguinejad P (2007) *Bacillus pumilus* SG2 isolated from saline conditions produces and secretes two chitinases. J Appl Microbiol. 103(4):1081-9.

Albornoz MCB (1971) Isolation of *Paracoccidioides brasiliensis* from rural to soil in Venezuela. Sabouraudia. 9: 248-253.

Almeida AJ, Matute DR, Carmona JA, Martins M, Torres I, McEwen JG, Restrepo A, Leão C, Ludovico P, Rodrigues F (2007) Genome size and ploidy of *Paracoccidioides brasiliensis* reveals a haploid DNA content: flow cytometry and GP43 sequence analysis.Fungal Genet Biol. 44(1): 25-31.

Amaral AC, Fernandes L, Galdino AS, Felipe MS, Soares CM, Pereira M (2005) Therapeutic targets in *Paracoccidioides brasiliensis*: post-transcriptome perspectives. Genet Mol Res. 4(2):430-49.

Andrade RV, Paes HC, Nicola AM, de Carvalho MJ, Fachin AL, Cardoso RS, Silva SS, Fernandes L, Silva SP, Donadi EA, Sakamoto-Hojo ET, Passos GA, Soares CM, Brígido MM, Felipe MS (2006) Cell organisation, sulphur metabolism and ion transport-related genes are differentially expressed in *Paracoccidioides brasiliensis* mycelium and yeast cells. BMC Genomics. 7: 208.

Andreotti PF, Monteiro da Silva JL, Bailão AM, Soares CM, Benard G, Soares CP, Mendes-Giannini MJ (2005) Isolation and partial characterization of a 30 kDa adhesin from *Paracoccidioides brasiliensis*. Microbes Infect. 7(5-6): 875-81.

Aristizabal BH, Clemons KV, Stevens DA, Restrepo A (1998) Morphological transition of *Paracoccidioides brasiliensis* conidia to yeast cells: *In vivo* inhibition in female. Infect Immun. 66: 5587-5591.

Bagagli E, Franco M, Bosco Sde M, Hebeler-Barbosa F, Trinca LA, Montenegro MR (2003) High frequency of *Paracoccidioides brasiliensis* infection in armadillos (*Dasypus novemcinctus*): an ecological study. Med Mycol. 41(3): 217-23.

Bagagli E, Bosco SM, Theodoro RC, Franco M (2006) Phylogenetic and evolutionary aspects of *Paracoccidioides brasiliensis* reveal a long coexistence with animal hosts that explain several biological features of the pathogen. Infect Genet Evol. 6(5): 344-51.

Bailão AM, Schrank A, Borges CL, Dutra V, Walquíria Inês Molinari-Madlum EE, Soares Felipe MS, Soares Mendes-Giannini MJ, Martins WS, Pereira M, Maria de Almeida Soares C (2006) Differential gene expression by *Paracoccidioides brasiliensis* in host interaction conditions: representational difference analysis identifies candidate genes associated with fungal pathogenesis. Microbes Infect. 8(12-13): 2686-97.

Bailão AM, Shrank A, Borges CL, Parente JA, Dutra V, Felipe MS, Fiúza RB, Pereira M, de Almeida Soares CM. (2007) The transcriptional profile of *Paracoccidioides brasiliensis* yeast cells is influenced by human plasma. FEMS Immunol Med Microbiol. 51(1): 43-57.

Baratto CM, Dutra V, Boldo JT, Leiria LB, Vainstein MH, Schrank A. (2006) Isolation, characterization, and transcriptional analysis of the chitinase chi2 Gene (DQ011663) from the biocontrol fungus Metarhizium anisopliae var. anisopliae.
Curr Microbiol. 53(3): 217-21.

Barbosa MS, Báo SN, Andreotti PF, de Faria FP, Felipe MS, dos Santos Feitosa L, Mendes-Giannini MJ, Soares CM. (2006) Glyceraldehyde-3-phosphate dehydrogenase of Paracoccidioides brasiliensis is a cell surface protein involved in fungal adhesion to extracellular matrix proteins and interaction with cells. Infect Immun. 74(1): 382-9.

Bastos KP, Bailão AM, Borges CL, Faria FP, Felipe MS, Silva MG, Martins WS,

Fiúza RB, Pereira M, Soares CM. (2007) The transcriptome analysis of early morphogenesis in *Paracoccidioides brasiliensis* mycelium reveals novel and induced genes potentially associated to the dimorphic process. BMC Microbiol. 7:29.

Binod P, Sukumaran RK, Shirke SV, Rajput JC, Pandey A (2007) Evaluation of fungal culture filtrate containing chitinase as a biocontrol agent against *Helicoverpa armigera*. J Appl Microbiol. 103(5): 1845-52.

Blaiseau PL, Kunz C, Grison R, Bertheau Y, Brygoo Y (1992) Cloning and expression of a chitinase gene from the hyperparasitic fungus *Aphanocladium album*. Curr Genet. 21(1):61-6.

Bonfim SM, Cruz AH, Jesuino RS, Ulhoa CJ, Molinari-Madlum EE, Soares CM, Pereira M (2006) Chitinase from *Paracoccidioides brasiliensis*: molecular cloning, structural, phylogenetic, expression and activity analysis. FEMS Immunol Med Microbiol. 46(2):269-83.

Boot RG, Renkema GH, Strijland A, van Zonneveld AJ, Aerts JM 1995. Cloning of a cDNA encoding chitotriosidase: a human chitinase produced by macrophages. J Biol Chem 270: 26252-26256.

Boot RG, Blommart EF, Swart E, Ghauharali-van-der Vlugt K, Bijl N, Moe C, Place A, Aerts JM (2001) Identification of a novel acidic mammalian chitinase distinct from chitotriosidase. J Biol Chem 276: 67770-67778.

Brummer E, Hanson LH, Restrepo A, Stevens DA (1989) Intracelular multiplication of *Paracoccidioides brasiliensis* in macrophages: killing and restriction of multiplication of by activated macrophages. Infect. Immun. 57: 2289-2294

Brummer E, Castaneda E, Restrepo A (1993) Paracoccidioidomycosis: an update. Clin Microbiol Rev. 6(2):89-117.

Brunner K, Peterbauer CK, Mach RL, Lorito M, Zeilinger S, Kubicek CP (2003)

The nag1 N-acetylglucosaminidase of *Trichoderma atroviride* is essential for chitinase induction by chitin and of major relevance to biocontrol. Curr Genet. 43: 289–295.

Campos RA, Arruda W, Boldo JT, da Silva MV, de Barros NM, de Azevedo JL, Schrank A, Vainstein MH. (2005) Boophilus microplus infection by Beauveria amorpha and Beauveria bassiana: SEM analysis and regulation of subtilisin-like proteases and chitinases. Curr Microbiol. 50(5): 257-61.

Carrero LL, Niño-Vega G, Teixeira MM, Carvalho MJ, Soares CM, Pereira M, Jesuino RS, McEwen JG, Mendoza L, Taylor JW, Felipe MS, San-Blas G. (2008) New *Paracoccidioides brasiliensis* isolate reveals unexpected genomic variability in this human pathogen. Fungal Genet Biol. 45(5): 605-12.

Carsolio C, Gutierrez A, Jimenez B, Van Montagu M, Herrera-Estrella A (1994) Characterization of ech42, a *Trichoderma harzianum* endochitinase gene expressed during mycoparasitism. Proc. Natl. Acad. Sci. USA; 91: 10903–10907.

Chen YT, Hsu LH, Huang IP, Tsai TC, Lee GC, Shaw JF (2007) Gene cloning and characterization of a novel recombinant antifungal chitinase from papaya (*Carica papaya*). J Agric Food Chem. 55(3): 714-22.

Chuang HH, Lin FP. (2007) New role of C-terminal 30 amino acids on the insoluble chitin hydrolysis in actively engineered chitinase from *Vibrio parahaemolyticus*. Appl Microbiol Biotechnol. 76(1):123-33.

Clemons KV, Feldman D, Stevens DA. (1969) Influence of estradiol on protein expression and methionine utilization during morphogenesis of *Paracoccidioides brasiliensis*. J Gen Microbio. 135: 1607-1617.

Colussi PA, Specht CA, Taron CH (2005) Characterization of a nucleus-encoded chitinase from the yeast *Kluyveromyces lactis*. Appl Environ Microbiol. 71(6):2862-9.

Corredor GG, Peralta LA, Castaño JH, Zuluaga JS, Henao B, Arango M, Tabares

AM, Matute DR, McEwen JG, Restrepo A (2005) The naked-tailed armadillo *Cabassous centralis* (Miller 1899): a new host to *Paracoccidioides brasiliensis*. Molecular identification of the isolate. Med Mycol. 43(3): 275-80.

Costa M, Borges CL, Bailão AM, Meirelles GV, Mendonça YA, Dantas SF, de Faria FP, Felipe MS, Molinari-Madlum EE, Mendes-Giannini MJ, Fiuza RB, Martins WS, Pereira M, Soares CM. (2007) Transcriptome profiling of *Paracoccidioides brasiliensis* yeast-phase cells recovered from infected mice brings new insights into fungal response upon host interaction. Microbiology. 153(Pt 12): 4194-207.

Coutinho ZF, Silva D, Lazera M, Petri V, Oliveira RM, Sabroza PC, Wanke B (2002) Paracoccidioidomycosis mortality in Brazil (1980-1995).Cad Saúde Pública. 18(5): 1441-54.

Dahiya N, Tewari R, Tiwari RP, Hoondal GS (2005) Production of an antifungal chitinase from *Enterobacter* sp. NRG4 and its application in protoplast production. World J Microbiol Biotechnol (in press)

Dahiya N, Tewari R, Hoondal GS (2006) Biotechnological aspects of chitinolytic enzymes: a review. Appl Microbiol Biotechnol. 71(6):773-82.

Daimon T, Katsuma S, Kang WK, Shimada T (2007) Functional characterization of chitinase from *Cydia pomonella granulovirus*. Arch Virol. 152(9): 1655-64.

da Silva Castro N, Barbosa MS, Maia ZA, Báo SN, Felipe MS, Santana JM, Soares Mendes-Giannini MJ, Pereira M, de Almeida Soares CM (2008) Characterization of *Paracoccidioides brasiliensis* PbDfg5p, a cell-wall protein implicated in filamentous growth. Yeast. 25(2): 141-54.

da Silva MV, Santi L, Staats CC, da Costa AM, Colodel EM, Driemeier D, Vainstein MH, Schrank A (2005) Cuticle-induced endo/exoacting chitinase CHIT30 from *Metarhizium anisopliae* is encoded by an ortholog of the chi3 gene. Res

Microbiol. 156(3): 382-92.

De Las Mercedes Dana MM, Limon MC, Mejias R, Mach RL, Benitez T, Pintor-Toro JA, Kubicek C (2001) Regulation of chitinase 33 (chit33) gene expression in *Trichoderma harzianum*. Curr Genet. 38: 335–342.

DeMarco JL, Lima CLH, Desousa MV, Felix CR (2000) A *Trichoderma harzianum* chitinase destroys the cell walls of the phytopathogen *Crinipellis pernicosa*, the casual agent of the witches broom disease of cocoa. World J Microbiol Biotechnol 16: 383-386

Duo-Chuan LI, Chen S, Jing LU. (2005) Purification and partial characterization of two chitinases from the mycoparasitic fungus *Talaromyces flavus*. Mycopathologia. 159(2): 223-9.

Duo-Chuan L. (2006) Review of fungal chitinases. Mycopathologia. 161(6):345-60.

Elias JA, Homer RJ, Hamid Q, Lee CG (2005) Chitinases and chitinase-like proteins in T(H)2 inflammation and asthma. J Allergy Clin Immunol. 116(3):497-500.

Farias MR, Werner J, Muro M, Marques SA, Marqes ME, Franco M, Ribeiro MG, Custodio CC, Condas LAZ, Bosco SMG, Bagagli E (2005) Canine paracoccidioidomycosis: case report of generalized lymphadenitis. Rev Int Med Trop. São Paulo. 47:64

Feitosa LS, Cisalpino OS, dos Santos MR, Mortara RA, Barros TF, Morais, FV. (2003) Chromosomal polymorphism, syntenic relationships, and ploidy in the pathogenic fungus *Paracoccidioides brasiliensis*. Fungal Genet. Biol. 39: 60-69.

Felipe MS, Andrade RV, Petrofeza SS, Maranhão AQ, Torres FA, Albuquerque P, Arraes FB, Arruda M, Azevedo MO, Baptista AJ, Bataus LA, Borges CL, Campos EG, Cruz MR, Daher BS, Dantas A, Ferreira MA, Ghil GV, Jesuino RS, Kyaw CM, Leitão

L, Martins CR, Moraes LM, Neves EO, Nicola AM, Alves ES, Parente JA, Pereira M, Poças-Fonseca MJ, Resende R, Ribeiro BM, Saldanha RR, Santos SC, Silva-Pereira I, Silva MA, Silveira E, Simões IC, Soares RB, Souza DP, De-Souza MT, Andrade EV, Xavier MA, Veiga HP, Venancio EJ, Carvalho MJ, Oliveira AG, Inoue MK, Almeida NF, Walter ME, Soares CM, Brígido MM (2003) Transcriptome characterization of the dimorphic and pathogenic fungus *Paracoccidioides brasiliensis* by EST analysis. Yeast. 20(3):263-71.

Felipe MS, Andrade RV, Arraes FB, Nicola AM, Maranhão AQ, Torres FA, Silva-Pereira I, Poças-Fonseca MJ, Campos EG, Moraes LM, Andrade PA, Tavares AH, Silva SS, Kyaw CM, Souza DP, Pereira M, Jesuíno RS, Andrade EV, Parente JA, Oliveira GS, Barbosa MS, Martins NF, Fachin AL, Cardoso RS, Passos GA, Almeida NF, Walter ME, Soares CM, Carvalho MJ, Brígido MM; PbGenome Network (2005) Transcriptional profiles of the human pathogenic fungus *Paracoccidioides brasiliensis* in mycelium and yeast cells. J Biol Chem. 2005 Jul 1;280(26):24706-14.

Franco, M.; Montenegro, M.R.; Mendes, R.P.; Marquez, S.A.; Dillon, N.L.; Mota, N.G.S (1987) Paracoccidioidomycosis: a recently proposed classification of its clinical forms. Rev. Soc. Bras. Med. Trop. 20: 129-132.

Fuhrman JA, Lane WS, Smith RF, Piessens WF, Perler FB (1992) Transmissionblocking antibodies recognize microfilarial chitinase in brugian lymphatic filariosis. Proc Natl Acad Sci USA 89: 48-1552

Garcia NM, Del Negro GM, Heins-Vaccari EM, de Melo NT, de Assis CM, Lacaz Cda S (1993) *Paracoccidioides brasiliensis*, a new sample isolated from feces of a penguin (*Pygoscelis adeliae*) Rev Inst Med Trop Sao Paulo. 35(3): 227-35.

Ghormade VS, Lachke SA, Deshpande MV. (2000) Dimorphism in *Benjaminiella poitrasii*: involvement of intracelular endochitinase and N-acetylglucosaminidase

activities in the yeast-mycelium transition. Folia Microbiol. 45: 231-238.

Giaver G, Chu Am, Ni L et al. (2002) Functional profiling of the *Sacharomyces cerevisae* genome. Nature. 418: 387-391.

Goldman GH, dos Reis Marques E, Duarte Ribeiro DC, de Souza Bernardes LA, Quiapin AC, Vitorelli PM, Savoldi M, Semighini CP, de Oliveira RC, Nunes LR, Travassos LR, Puccia R, Batista WL, Ferreira LE, Moreira JC, Bogossian AP, Tekaia F, Nobrega MP, Nobrega FG, Goldman MH (2003) Expressed sequence tag analysis of the human pathogen *Paracoccidioides brasiliensis* yeast phase: identification of putative homologues of *Candida albicans* virulence and pathogenicity genes. Eukaryot Cell. 2(1):34-48.

González A, Gómez BL, Diez S, Hernández O, Restrepo A, Hamilton AJ, Cano LE (2005) Purification and partial characterization of a *Paracoccidioides brasiliensis* protein with capacity to bind to extracellular matrix proteins. Infect Immun. 73(4): 2486-95.

Grose E, Tamsitt JR (1965) *Paracoccidioides brasiliensis* recovered from the intestinal tract of three bats (*Artibeus lituratus*) in Colombia, S.A. Sabouraudia. 4(2): 124-5.

Hanna SA, Monteiro da Silva JL, Giannini MJ (2000) Adherence and intracellular parasitism of *Paracoccidioides brasiliensis* in Vero cells. Microbes Infect. 2(8):877-84.

Haki GD, Raskshit SK (2003) Developments in industrially important thermostable enzymes: a review. Biores Technol. 89:17-34.

Hobel CF, Hreggvidsson GO, Marteinsson VT, Bahrani-Mougeot F, Einarsson JM, Kristjánsson JK (2005) Cloning, expression, and characterization of a highly thermostable family 18 chitinase from *Rhodothermus marinus*. Extremophiles. 9(1):53-64.

Hollak CE, van Weely S, van Oers MH, Aerts JM (1994) Marked elevation of plasma chitotriosidase activity. A novel hallmark of Gaucher disease. J Clin Invest. 93(3):1288-92.

Howard MB, Ekborg NA, Weiner RM, Hutcheson SW (2003) Detection and characterization of chitinases and other chitin-modifying enzymes. J Ind Microbiol Biotechnol. 30(11): 627-35.

Ike M, Nagamatsu K, Shioya A, Nogawa M, Ogasawara W, Okada H, Morikawa Y (2006) Purification, characterization, and gene cloning of 46 kDa chitinase (Chi46) from *Trichoderma reesei* PC-3-7 and its expression in *Escherichia coli*. Appl Microbiol Biotechnol. 71(3): 294-303.

Itoi S, Kanomata Y, Koyama Y, Kadokura K, Uchida S, Nishio T, Oku T, Sugita H (2007) Identification of a novel endochitinase from a marine bacterium *Vibrio proteolyticus* strain No. 442. Biochim Biophys Acta. 1774(9):1099-107.

Kanetsuna F, Carbonell LM, Moreno RE, Rodriguez J. (1969) Cell wall composition of the yeast and mycelial forms of *Paracoccidioides brasiliensis*. J Bacteriol. 97(3):1036-41.

Kang SC, Park S, Lee DG (1999) Purification and characterization of a novel chitinase from the entomopathogenic fungus, *Metarhizium anisopliae*. J Invert Pathol 73: 276-281.

Kasprzewska A (2003) Plant chitinases-regulation and function. Cell Mol Biol Lett 8: 809-824.

Kelly MT, MacCallum DM, Clancy SD, Odds FC, Brown AJ, Butler G (2004) The *Candida albicans* CaACE2 gene affects morphogenesis, adherence and virulence. Mol Microbiol. 53(3):969-83.

Kim HS, Timmis KN, Golyshin PN (2007) Characterization of a chitinolytic

enzyme from *Serratia* sp. KCK isolated from kimchi juice. Appl Microbiol Biotechnol. 75(6):1275-83.

Kim S, Matsuo I, Ajisaka K, Nakajima H, Kitamoto K (2002) Cloning and characterization of the nagA gene that encoded β-N-acetylglucosaminidase from *Aspergillus nidulans* and its expression in *Aspergillus oryzae*. Biosci Biotechnol Biochem. 66: 2168–2175.

Kitamura E, Kamei Y (2003) Molecular cloning, sequencing and expression of gene encoding a novel chitinase A from a marine bacterium *Pseudomonas* sp. PE2, and its domain structure. Appl Microb and Biotech. 61: 140-149.

Lacaz CS. *Paracoccidioides brasiliensis*: morphology, evolutionary cycle; maintenance during saprophytic life; biology, virulence, taxonomy. In Franco, M., Lacaz CS, Restrepo-Moreno A, De Negro A. Eds. Paracoccidioidomycosis. Boca Ratton, Florida, USAL: CRC Press. 1994: 13-25

Lan X, Zhang X, Hu J, Shimosaka M (2006) Cloning, expression, and characterization of a chitinase from the chitinolytic bacterium *Aeromonas hydrophila* strain SUWA-9. Biosci Biotechnol Biochem. 70(10):2437-42.

Leclerc MC, Philippe H, Guého E. (1994) Phylogeny of dermatophytes and dimorphic fungi based on large subunit ribosomal RNA sequence comparisons. J Med Vet Mycol. 32(5): 331-41.

Lehane M, Allingham P, Weglicki P (1996) Composition of the peritrophic matrix of the tsetse fly, *Glossina morsitans morsitans*. Cell Tissue Res. 375-384.

Lenzi HL, Calich VLG, Mendes-giannini MJS, Xidex CF, Miyagi M, Mota EM, Machado MP, Restrepo A (2000) Two patterns of extracellular matriz expression in experimental paracoccidiodomycosis. Med. Mycol. 38: 115-119.

Li YC, Chang CT, Hsiao ES, Hsu JS, Huang JW, Tzen JT (2003) Purification and

characterization of an antifungal chitinase in jelly fig (*Ficus awkeotsang*) achenes. Plant Cell Physiol. 44(11):1162-7.

Lima LH, De Marco JL, Ulhoa CJ, Felix CR (1999) Synthesis of a *Trichoderma* chitinase which affects the *Sclerotium rolfsii* and *Rhizoctonia solani* cell walls. Folia Microbiol (Praha). 44(1): 45-9.

Loiseau PM, Bories C, Sanon A. (2002) The chitinase system from *Trichomonas vaginalis* as a potential target for antimicrobial therapy of urogenital trichomoniasis. Biomed Pharmacother. 56(10):503-10.

Mach RL, Peterbauer CK, Payer K, Jaksits S, Woo SL, Zeilinger S, Kullnig CM, Lorito M, Kubicek CP (1999) Expression of two major chitinase genes of *Trichoderma atroviride* (*T. harzianum* P1) is triggered by different regulatory signals. Appl Environ Microbiol 1999; 65: 1858–1863.

Manocha MS. Lipid composition of *Paracoccidioides brasiliensis*: comparison between the yeast and mycelial forms (1980) Sabouraudia. 18(4): 281-6.

Manocha MS, Zhonghua Z (1997) Immunochemical and cytochemical localization of chitinase and chitin in infected hosts of a biotrophic mycoparasite, *Piptocephalis virginiana*. Mycologia 89: 185–194

Marques ER, Ferreira ME, Drummond RD, Felix JM, Menossi M, Savoldi M, Travassos LR, Puccia R, Batista WL, Carvalho KC, Goldman GH (2004) Identification of genes preferentially expressed in the pathogenic yeast phase of *Paracoccidioides brasiliensis*, using suppression subtraction hybridization and differential macroarray analysis. Mol Genet Genomics. 271(6):667-77.

Mathivanan N, Kabilan V, Murugesan K (1998) Purification, characterization and anti-fungal activity from *Fusarium chlamydosporum*, a mycoparasite to groundnut rust, Puccinia arachidis. Can J Microbiol 44:646–651

Matute DR, McEwen JG, Puccia R, Montes BA, San-Blas G, Bagagli E, Rauscher JT, Restrepo A, Morais F, Niño-Vega G, Taylor JW (2006) Cryptic speciation and recombination in the fungus *Paracoccidioides brasiliensis* as revealed by gene genealogies. Mol Biol Evol. 23(1): 65-73.

McCreath KJ, Specht CA, Robbins PW (1995) Molecular cloning and characterization of chitinase genes from *Candida albicans*. Proc Natl Acad Sci U S A. 92(7):2544-8.

Mendes E, Raphael M (1971) Impaired delayed hypersensitivity in patients with South American Blastomycosis. J. Allergy. 47: 17-22.

Mendes-Giannini MJ, Ricci LC, Uemura MA, Toscano E, Arns CW (1994) Infection and apparent invasion of Vero cells by *Paracoccidioides brasiliensis*. J Med Vet Mycol. 32(3): 189-97.

Merzendorfer H, Zimoch L (2003) Chitin metabolism in insects: structure, function and regulation of chitin synthases and chitinases. J Exp Biol. 206(Pt 24): 4393-412.

Mizoguchi E (2006) Chitinase 3-like-1 exacerbates intestinal inflammation by enhancing bacterial adhesion and invasion in colonic epithelial cells. Gastroenterology. 130(2):398-411.

Montenegro MR, Miyagi M, Franco M, Nishimura K, Coelho KL, Horie Y, Mendes RP, Sano A, Fukushima K, Fecchio D (1993) Isolation of fungi from nature in region of Botcatu, State of São Paulo, Brazil, an endemic area of paracoccidiodomycosis. Men Inst Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 91: 665-670

Morimoto K, Yoshimoto M, Karita S, Kimura T, Ohmiya K, Sakka K (2007) Characterization of the third chitinase Chi18C of *Clostridium paraputrificum* M-21. Appl Microbiol Biotechnol. 73(5):1106-13.

Negroni P (1966) El *Paracoccidioides brasiliensis* vives saprofiticamente en el suelo argentino. Prensa Med Argent. 53(39): 2381-2.

Nunes LR, Costa de Oliveira R, Leite DB, da Silva VS, dos Reis Marques E, da Silva Ferreira ME, Ribeiro DC, de Souza Bernardes LA, Goldman MH, Puccia R, Travassos LR, Batista WL, Nóbrega MP, Nobrega FG, Yang DY, de Bragança Pereira CA, Goldman GH. (2005) Transcriptome analysis of *Paracoccidioides brasiliensis* cells undergoing mycelium-to-yeast transition. Eukaryot Cell. 4(12): 2115-28.

Pan SQ, Ye XS, Kuc J (1991) A technique for detection of chitinase β-1,3 glucanase, and protein patterns after a single separation using polyacrylamide-gel electrophoresis or isoelectrofocusing. Phytopatol 81: 970-974.

Park SK, Kim CW, Kim H, Jung JS, Harman GE (2007) Cloning and high-level production of a chitinase from *Chromobacterium* sp. and the role of conserved or nonconserved residues on its catalytic activity. Appl Microbiol Biotechnol. 74(4):791-804.

Pereira LA, Báo SN, Barbosa MS, da Silva JL, Felipe MS, de Santana JM, Mendes-Giannini MJ, de Almeida Soares CM (2007) Analysis of the *Paracoccidioides brasiliensis* triosephosphate isomerase suggests the potential for adhesin function. FEMS Yeast Res. 7(8): 1381-8.

Rajamohanan P, Ganapathy S, Vyas P, Ravikumar A, Deshpande M (1996) Solid-state CP/MASS 13C-NMR spectroscopy: a sensitive method to monitor enzymatic hydrolysis of chitin. J Biochem Biophys Methods 31: 151–163

Reissig JL, Strominger JL, Leloir LF (1955) A modified colorimetric method for estimation of N-acetylamino sugars. J Biol Chem 217: 959-966.

Restrepo-Moreno A, Salazar ME, Cano LE, Stover EP, Feldman D, Stevens DA (1984) Estrogens inhibit mycelium-to-yeast transformation in the fungus

Paracoccidioides brasiliensis: implications for resistance of females to paracoccidioidomycosis. Infect Immun. 46(2):346-53.

Restrepo A, McEwen JG, Castañeda E (2001) The habitat of *Paracoccidioides brasiliensis*: how far from solving the riddle? Med Mycol. 39(3): 233-41.

Restrepo-Moreno, A. Paracoccidoidomycosis. In: Dismukes, W.E., Pappas, P. G., Sobel, J. (Eds.), Clinical Mycology. Oxford University Press, New York, 2003 pp. 328-345.

Ricci G, Mota FT, Wakamatsu A, Serafim RC, Borra RC, Franco M (2004) Canine paracoccidioidomycosis. Med Mycol. 42(4):379-83.

Rivitti EA, Aoki V (1999) Deep fungal infections in tropical countries. Clin Dermatol. 1999 17(2): 171-90.

Sahai, A. S. & Manocha, M. S (1993) Chitinases of fungi and plants: their involvement in morphogenesis and host-parasite interaction. FEMS Microbiol. Rev. 11: 317-338.

San-Blas G, San Blas F. (1993) Biochemistry of *Paracoccidioides brasiliensis* dimorphism In: M Franco et al., Paracoccidioidomycosis, CRC Press, p. 49-66.

San-Blas G, Niño-Vega G, Iturriaga T (2002) *Paracoccidioides brasiliensis* and paracoccidioidomycosis: molecular approaches to morphogenesis, diagnosis, epidemiology, taxonomy and genetics. Med Mycol. 40(3): 225-42.

Seidl V, Huemer B, Seiboth B, Kubicek CP (2005) A complete survey of *Trichoderma* chitinases reveals three distinct subgroups of family 18 chitinases. FEBS J. 272: 5923–5939.

Selvaggini S, Munro CA, Paschoud S, Sanglard D, Gow NA (2004) Independent regulation of chitin synthase and chitinase activity in *Candida albicans* and *Saccharomyces cerevisiae*. Microbiology. 150(Pt 4): 921-8.

Shahabuddin M, Vinetz JM (1999) Chitinases of human parasites an their implications as antiparasitic targets. EXS 87: 223-234.

Shakarian AM, Dwyer DM (1998). The Chit1 gene encodes the secretory chitinase of the human pathogen *Leishmania donovani*. Gene 208: 315-322.

Spindler-Barth M. (1993) Hormonal regulation metabolism in insect cell lines. In Chitin Enzymology. 75-82 RAA Muzzarelli, ed European Chitin Society, Italy.

Suzuki M, Morimatsu AM, Yamashita T, Iwanaga T, Syuto B (2001) A novel serum chitinase that is expressed in bovine liver. FEBS Lett 506: 127-130.

Tomazett PK, Cruz AHS, Bonfim SMRC, Soares CMA, Pereira M (2005) The cell wall of *Paracoccidioides brasiliensis*: insights from its transcriptome. Genet Mol Res. 4(2): 309-25.

Tronsmo A, Harman G. (1993) Detection and quantification of N-acetyl-b-D-glucosaminidase, chitobiosidase, and endochitinase in solutions and on gels. Anal Biochem. 208: 74–79.

Tsujibo H, Hatano N, Mikami T, Izumizawa Y, Miyamoto K, Inamori Y (1998) Cloning, characterization and expression of beta-N-acetylglucosaminidase gene from *Streptomyces thermoviolaceus* OPC-520(1). Biochim Biophys Acta. 1425(2):437-40.

Vicentini AP, Gesztesi JL, Franco MF, de Souza W, de Moraes JZ, Travassos LR, Lopes JD. (1994) Binding of *Paracoccidioides brasiliensis* to laminin through surface glycoprotein gp43 leads to enhancement of fungal pathogenesis. Infect Immun. 62(4): 1465-9.

Vinetz JM, Dave SK, Specht CA, Brameld KA, Xu B, Hayward R, Fidock DA (1999) The chitinase PfCHIT1 from the human malaria parasite *Plasmodium falciparum* lacks proenzyme activity and chitin-binding domains and displays unique substrate preferences. Proceed Nat Acad Sci USA 96: 14061-14066.

Vinetz JM, Valenzuela JG, Specht CA, Aravind L, Langer RC, Ribeiro JMC, Kaslow DC (2000) Chitinases of the avian malaria parasite *Plasmodium gallinaceum*, a class of enzymes necessary for parasited invasion of the mosquito midgut. J Biol Chem 275: 10331-10341.

Xia G, Jin C, Zhou J, Yang S, Zhang S, Jin C (2001) A novel chitinase having a unique mode of action from *Aspergillus fumigatus* YJ-407. Eur J Biochem. 268(14):4079-85.

Xiao YH, Li XB, Yang XY, Luo M, Hou L, Guo SH, Luo XY, Pei Y (2007) Cloning and characterization of a balsam pear class I chitinase gene (*Mcchit1*) and its ectopic expression enhances fungal resistance in transgenic plants. Biosci Biotechnol Biochem. 71(5): 1211-9.

Yamazaki H, Yamazaki D, Takaya N, Takagi M, Ohta A, Horiuchi H (2007) A chitinase gene, chiB, involved in the autolytic process of *Aspergillus nidulans*. Curr Genet. 51(2): 89-98.

Yano S, Rattanakit N, Honda A, Noda Y, Wakayama M, Plikomol A, Tachiki T (2008) Purification and characterization of chitinase A of *Streptomyces cyaneus* SP-27: an enzyme participates in protoplast formation from *Schizophyllum* commune mycelia. Biosci Biotechnol Biochem. 72(1):54-61.

Wanke B, Londero AT. Epidemiology and paracoccidioidomycosis infection, In M Franco, CS Lacaz, A Restrepo-Moreno, G Del Negro, Paracoccidioidomycosis. CRC 1994 Press 109-130.

ANEXO

FEMS Microbiology Letters

Published on behalf of the Federation of European Microbiological Societies

Edited by:
Jeff Cole

Print ISSN: 0378-1097
Online ISSN: 1574-6968
Frequency: Bi-monthly
Current Volume: 290 / 2009
ISI Journal Citation Reports® Ranking: 2007: 48/94 (Microbiology)
Impact Factor: 2.274

Author Guidelines

FEMS publishes five journals in the area of microbiology. All five journals follow the same instructions for manuscript preparation. If one journal has a different procedure, this will be mentioned at the appropriate place.

EDITORIAL POLICY

All submitted papers should be complete in themselves and adequately supported by experimental detail; they should not be preliminary versions of communications to be published elsewhere. Descriptions of new methods are acceptable, and the Editors welcome papers that put forward new hypotheses. However, papers that provide confirmatory evidence or merely extend observations firmly established in one species or field site to another will not be accepted unless there are strong reasons for doing so. Members of the Editorial Boards and other appropriate experts will referee the papers. Editors handling papers will independently make decisions on acceptance, revision or rejection based on the referees' reports. The Chief Editors or Editors will usually reject papers outside the scope of the journal with an immediate decision. Authors who feel that there are substantial grounds for disagreement with an Editor's decision should contact the Chief Editor, whose decision will be final. Authors who wish to withdraw their manuscript (at any stage of the process) should contact their Editor.

AIMS AND SCOPE

FEMS Microbiology Letters

The Editors give priority to concise papers that merit urgent publication by virtue of their originality, general interest and their contribution to new developments in microbiology. All aspects of microbiology, except virology (other than bacteriophages), are covered. Areas of special interest include: molecular biology and genetics; genomics; microbial biochemistry and physiology; structure and development; pathogenicity; medical and veterinary microbiology; environmental microbiology; applied microbiology and microbial biotechnology; systematics and bioinformatics. Papers (Research Letters and MiniReviews) can deal with any type of microorganism: bacteria and bacteriophage, yeasts, filamentous fungi and protozoa, cyanobacteria and eukaryotic algae.

FEMS Microbiology Reviews

This journal publishes reviews dealing with all aspects of microbiology that have not been surveyed recently. They should be devoted to topics of current interest and may be of a speculative and selective nature or they may provide comprehensive, critical and authoritative coverage. Reviews should provide new perspectives and critical, detailed discussions of significant trends in the areas being reviewed. Historical analyses of important subjects will also be accepted. All reviews should address both specialists and the general reader. Whenever possible, reviews should be put into the framework of general microbiology and biology. Manuscripts of lectures delivered at symposia that do not review the related field are not acceptable, nor are unevaluated compilations of the literature.

FEMS Microbiology Ecology

The Editors aim to ensure efficient publication of high-quality papers that are original and provide a significant contribution to the understanding of microbial ecology. The journal contains Research Articles and MiniReviews on fundamental aspects of the ecology of microorganisms in natural soil, aquatic and atmospheric habitats, including extreme environments, and in artificial or managed environments. Research papers on pure cultures and in the areas of plant pathology and medical, food or veterinary microbiology will be published where they provide valuable generic information on microbial ecology. Papers can deal with culturable and non-culturable forms of any type of microorganism: bacteria, archaea, filamentous fungi, yeasts, protozoa, cyanobacteria, algae or viruses.

FEMS Immunology and Medical Microbiology

The editors of *FEMS Immunology and Medical Microbiology* aim to publish outstanding primary Research Articles and MiniReviews reporting on hypothesis-driven studies relating to infection, infection control and their molecular and cellular correlates. The infection typically involves that of humans or animals by microorganisms of all classes, i.e. viruses, bacteria, fungi or protozoa. The scientific approaches of these studies correspond broadly to the fields of immunology, medical microbiology, cell biology (of infectious diseases), and the biochemistry, molecular biology and genetics of pathogens. These include prominently the overlapping subspecialties of molecular and cellular microbial pathogenesis, host innate and adaptive immune responses to infection, '-omics' of pathogens and/or of the infected host, and modelling of the infection or disease (from biomathematical to in vitro to animal modelling). The Journal will also consider outstanding vaccine-related studies and molecular diagnostic and epidemiology studies that are focused on the infectious agent or the infection process.

FEMS Yeast Research

The Editors aim to ensure efficient publication of high-quality papers that are original and provide a significant contribution to the field of yeast research. The journal contains Research Articles and MiniReviews on fundamental and applied aspects of all areas of yeast research, including yeast physiology, biochemistry, molecular biology, genetics, functional genomics, taxonomy, ecology, medical aspects, diagnostics, food spoilage, industrial applications, fermentation and biotechnology. Scientists using yeast as a model organism are welcome to submit their manuscript, particularly if this article has direct relevance to the yeast community. Papers can deal with any yeast or yeast-like organism. Descriptions of new yeasts will be considered.

MINIREVIEWS (not applicable to *FEMS Microbiology Reviews*)

MiniReviews are concise articles covering topics of current interest or controversial aspects of subjects within the scope of the journal. The style for MiniReviews is the same as for research papers or research letters with the following amendments: the maximum length of the text is about 7000 words (and for MiniReviews in *FEMS Microbiology Letters* about 3500 words); a combined total of six figures and tables is allowed. Colour figures or diagrams are encouraged and will be printed free of charge providing the Editor agrees that the use of colour adds value to the MiniReview. There is no rigid format for MiniReviews but they should generally include an Abstract and a brief Introduction in which the background to the article is presented. The remainder of the text should be arranged under a single, or a maximum two levels of subheading, finishing with a Conclusion or Outlook section.

MiniReviews are normally invited, but prospective authors are encouraged to contact the listed Editors to discuss possible contributions:

a) For *FEMS Microbiology Letters*: Ian Henderson, Simon Silver or Derek Sullivan.

b) For *FEMS Microbiology Ecology*, *FEMS Immunology and Medical Microbiology* and *FEMS Yeast Research*: the Chief Editors.

LETTERS TO THE EDITOR AND SHORT COMMUNICATIONS

Letters to the Editor are brief communications focusing on an article that has been published in the journal within the previous six months. They should focus on some aspect(s) of the paper that is, in the author's opinion, incorrectly stated or interpreted, controversial, misleading or in some other way worthy of comment. All Letters to the Editor must address a scientific issue in an objective fashion, should be fewer than 1000 words, and will be externally refereed. If acceptable for publication, they will be offered to the original authors for comment. Short Communications (not applicable to *FEMS Microbiology Letters*) are similar to a short paper but without the limitations of subdivisions into Introductions, Methods, etc. They should include the title page and the abstract and not exceed 1600 words. References should be kept to a minimum, one table or illustration is acceptable. Please choose the manuscript type 'Letter to the Editor' or 'Other' when uploading through the online submission system.

SUBMISSION PROCEDURES

All FEMS journals

Manuscripts should be submitted through Manuscript Central® http://mc.manuscriptcentral.com/fems. Instructions for the submission procedure can be found under 'FEMS Submission Instructions', reached via the 'Instructions and Forms' button at the top right of all Manuscript Central pages.

FEMS Microbiology Reviews

Manuscripts reach *FEMS Microbiology Reviews* by one of the following routes. Reviews may be solicited from international leading investigators by one of the Editors; alternatively proposals for reviews may be sent to the

Chief Editor or one of the Editors with appropriate interests. Editors' contact details and fields of interest are listed in each issue. Authors are encouraged to contact Editors directly by e-mail.

Such proposals should contain:

a) an outline (1-3 pages);

b) a short statement describing the aim, scope and relevance of the review, and an indication of why the review is timely;

c) information on whether there has been any review covering this or a related field in the past few years, and, if so, the specific importance of the proposed review;

d) a statement as to when the completed review might be expected;

e) full contact details of four experts in the field who are familiar with the topic;

f) a list of recent key references showing the contributions to the field made by the author(s).

The proposals will be evaluated and authors may be invited to submit the review, if the material is satisfactory and of general interest.

Revision

Manuscripts may be returned to authors for modification of the scientific content and/or for shortening and language corrections. Revised versions must be submitted online through Manuscript Central. You will need to go to the list ''Manuscripts with Decisions'' (under My Manuscripts) and from there you need to click ''create a revision'' at the right-hand side (under Actions). At this stage, we require a source file of your text and tables (.doc or .rtf format, but not .pdf). You must clearly indicate in the designated place and/or cover letter the changes that have been made. Figures should be uploaded in separate files and at sufficient resolution (see section on Preparation of data). All obsolete files of the previous version should be deleted from the revised submission. If a paper that is returned to the authors for amendment is not resubmitted in revised form within one month (*FEMS Microbiology Letters*) or two months (other journals) it will be regarded as withdrawn. Any revised version received subsequently will be treated as a newly submitted manuscript and the date of receipt will be altered accordingly.

PREPARATION OF MANUSCRIPTS

Language

Manuscripts should be in English (consistent with either British or American spelling). Authors who are unsure of correct English usage should have their manuscripts checked by someone proficient in the language. You are strongly advised to ensure that the English is of a publishable standard prior to submission. Manuscripts that are deficient in this respect may be returned to the author without peer review.

Pre-submission English-language editing

Authors for whom English is a second language may choose to have their manuscript professionally edited before submission to improve the English. A list of independent suppliers of editing services can be found at http://www.blackwellpublishing.com/bauthor/english_language.asp. All services are paid for and arranged by the author, and use of one of these services does not guarantee acceptance or preference for publication.

Layout of manuscripts

FEMS strongly recommends that you compile your manuscript in MS Word and save it as a .doc file, using the following layout.

a) Title page, followed by the abstract, main text in one single column and references.

b) Tables, each on a separate page.

c) Figure legends.

d) Figures, putting each figure on a separate page and ensuring that the figure is at least the size it will be in the printed document. Include the figure number (e.g. Fig. 1) and legend well outside the boundary of the space occupied by the figure. If you wish to upload separate figure files, Manuscript Central will combine your manuscript main body and figure files into one online .pdf file. Please ensure that you upload the figures only once, i.e. either embedded at the end of the text document or as separate files.

e) Include page and line numbering (continuous).

f) The right-hand margin justification should be switched off. Artificial word breaks at the end of lines must be avoided.

g) If you do not use MS Word then save in MS Word format in the word processor that you use. Rich text (.rtf) format may also be used.

h) Use standard fonts (Arial, Times New Roman, Symbol, Helvetica, Times). In your Word document, on the Tools menu, click Options, select the Embed TrueType fonts check box and then click the Save tab.

Length

One journal page is about three manuscript pages, each table is about 0.3 of a printed page and each figure is about 0.25 of a printed page.

FEMS Microbiology Letters

Priority will be given to short papers. The majority of papers will occupy only four to six pages of the journal. The text (including abstract but excluding the title page, references in text and as list, and figure legends) should not exceed 3000 words. References should be kept to a minimum and a combined total of six figures and tables are permitted. If the paper exceeds these guidelines, the manuscript will be returned for condensation without review unless the authors have provided compelling reasons for the exceptional length.

FEMS Microbiology Reviews

The length of the review should be at least eight pages upon publication in the journal. High quality colour figures, diagrams or photographs are encouraged and will be printed free of charge providing the Editor agrees that the use of colour adds value to the Review.

Other FEMS journals

There is no maximum length for papers, but the length should be justified by the content and authors are urged to be concise. Excessively long reference lists should be avoided. Repetition of information in the text and illustrations should not occur. Very short papers (Short Communications) may be published in these journals only if they offer a significant, though small, increase in knowledge or understanding of the field.

Title, authors, keywords and running title

The manuscript should not form part of a numbered series but should be headed by a concise, informative title. Authors are reminded that titles are widely used in information-retrieval systems. The title should be followed by the name(s) of the author(s) (with first or middle names in full and including all initials) and by the name(s) and address(es) of the institute(s) where the work was performed. For multiple authors with different affiliations, please indicate the relevant affiliations. The name, full postal address, telephone and fax numbers, and e-mail address of one corresponding author should be provided in a footnote. FEMS journals have one corresponding author. Shared or equal contribution of authors should be mentioned at the end of the article. A list of three to six keywords must be included on the first page. Authors are requested to consult the subject indices of the individual journals or the list of subject headings from Index Medicus for preferred synonyms and standard abbreviations. Plural terms should be avoided. The title is not used for preparing the index, so important words and phrases may appear in both the title and keywords. General terms, such as 'Enzyme', 'Membrane', 'Transport', etc., should not be used unless qualified, e.g. 'Enzyme activation', 'Membrane phosphorylation', 'Ion transport'.

Please supply a short running title of up to 60 characters (including spaces).

General organisation of manuscripts

Materials and methods and *Results* are normally written in the past tense and the present tense is occasionally used in the *Introduction* and *Discussion*.

a) *Abstract*. This should be a single paragraph of fewer than 200 words and must be intelligible without reference to the full paper. Ideally, references are not cited.

b) Abbreviations should be avoided, but if necessary, they must be defined the first time they are used in the main text. Do not abbreviate genus in the title, keywords, or at first use in the Abstract and Introduction.

c) *Introduction*. This should state the aims and objectives, but should not contain a summary of the results.

d) *Materials and methods*. Sufficient detail must be provided to allow the work to be repeated. Suppliers of materials and a brief address should be mentioned if this might affect the results.

e) *Results* (the presentation of data is described below).

f) *Discussion*. This should not simply recapitulate the *Results*. Combined *Results and Discussion* sections are encouraged when appropriate.

g) *Acknowledgements* can be made to funding agencies, colleagues who assisted with the work or the preparation of the manuscript, and those who contributed materials or provided unpublished data.

h) *References*.

FEMS Microbiology Reviews

The review should contain the items listed above, excepting that the *Materials and methods* and *Results* sections will not be relevant. The *Discussion* section is preferably replaced by *Concluding remarks*, which do not repeat the *Introduction* or main sections but may, for example, point to future directions.

Preparation of Supporting Information

Electronic Supporting Information may be provided to support and enhance your manuscript with, e.g. supporting applications, movies, animation sequences, high-resolution images, background datasets or sound clips. Supporting files will be published, subject to editorial approval, online alongside the electronic version of your article. Authors should submit the Supporting Information at the same time as the manuscript, but in separate file(s). Select 'Supplemental files', 'Supporting Document' or 'MultiMedia' for the file designation when uploading through the online submission system. Upload a separate .doc file listing concise and descriptive captions for each file uploaded as Supporting Information. Please indicate that you have uploaded these files in your cover letter and state clearly whether they are intended for eventual online publication as Supporting Information, or are for peer review purposes only.

Presentation of data

Do not tabulate or illustrate points that can be adequately and concisely described in the text. Do not repeat information in both tables and figures. Figures and tables, along with their legend (and/or footnote), should be understandable in their own right without having to refer to the main text. Tables should be supplied in Word or Excel format, and must be editable (not pasted in as a picture).

(a) *Tables*. Explanatory footnotes should be related to the legend or table using superscript, lower-case letters. All abbreviations should be defined after the footnotes below the table.

(b) *Line art*.

- Figures should be supplied at twice their final size with wide margins.

- A single column figure is 80 mm, two-thirds page width is 114mm and two-column width is 168 mm.

- All lines should be drawn at 1.5 point (0.5 mm wide), broken line styles may be used to differentiate multiple plot lines if desired.

- Letters and numbers should be 16 point (capitals 4mm high) non-serif.

- Symbols in the figure itself should be 3mm in diameter. Lines drawn to accompany the points should not go through hollow symbols.

- Grid lines should not be used.

- Numbers used as axis labels should have minimum significant figures; amounts less than unity must carry a preceding zero (e.g. 0.5 not .5).

- Larger composite figures may be designed to occupy two columns when this can achieve an overall saving in space. The character, line and symbol sizes should be adjusted accordingly to achieve the same sizes on the printed page.

(c) *Half-tone and colour figures*. Magnification should be indicated where appropriate by inclusion of a bar marker. Photographs of electropherograms, etc., in which there is poor contrast may be better replaced by line drawings, but in this case the photographs should be submitted for scrutiny by the Editor. If photographs have been digitally processed to enhance their quality, this should be stated. **Colour illustrations will be published free of charge provided that the colour is deemed essential for interpretation of the**

figure. Please note that colour figures will appear in colour in the online article, regardless of whether colour was deemed essential for the print copy. Suggestions for cover illustrations for the journal are also welcome.

(d) *Electronic submission of figures.* High-quality figures are required when the final version of the manuscript is uploaded through Manuscript Central, and should be prepared using the following guidelines.

- Please use high-quality graphics programs such as Adobe Photoshop or Adobe Illustrator.

- Figures should be at the desired size for the printed article, i.e. 80mm wide for single column, 114mm for two-thirds page width and 168mm for double column.

- For halftones, the resolution should be a minimum of 300 dpi; combination artwork at a minimum of 500 dpi; and for line figures preferably 1000 to 1200 dpi.

- Combination artwork (artwork containing half-tone and line art elements, e.g. electrophoresis gels or Southern blots with lane and fragment sizes labeled) must be in EPS. If the combination artwork is scanned, the preferred format is .tif with a resolution of at least 500 dpi using LZW compression.

- Colour artwork should be saved as CMYK, not RGB.

- The following figure formats are acceptable (as long as they are created with the instructions given above):

- .tif and .eps (please be sure to embed all fonts used)

- Illustrator (.ai) or Photoshop files (.psd)

- One file must be submitted for each figure.

- Save files with LZW compression.

You will find further helpful and simplified guidelines by clicking the 'Preferred FEMS format for revised manuscripts' icon, reached via the 'Instructions and Forms' button at the top right of all Manuscript Central pages. Detailed information can be found at http://www.blackwellpublishing.com/bauthor/illustration.asp. In principle, the electronic files will be used for producing the final publication, but the Publisher may request a set of highquality printouts of your figures for production purposes.

(e) *Figure legends.* Legends should consist of a preliminary sentence constituting a title, followed by a brief description of the way the particular experiment was carried out, and any other necessary description of symbols or lines. All abbreviations must be defined.

Reproducibility of results and statistical tests (except for *FEMS Microbiology Reviews*)

Authors should state how many times experiments were repeated and whether mean or representative results are shown. Variability should be indicated statistically wherever possible as part of, but not in place of, a proper statistical analysis. If results are expressed as percentages, the absolute value corresponding to 100% must be stated. Avoid values with unjustified numbers of significant figures; in most cases three significant figures is consistent with the accuracy attained in microbiological experiments.

Results of statistical tests should be presented wherever possible as evidence for conclusions reached. Such information must be presented concisely to illuminate the results, but not to dominate them. The tests used should be briefly described in the Materials and methods section. Details of the diagnostic checks made for the assumptions of the statistical tests and for the validity of any transformations used should be stated clearly. Further information can be found in the following references: (a) Sokal, R.R. and Rohlf, F.J. (1981) *Biometry*. W.H. Freeman, San Francisco; (b) Fry, J.C. (1993) *Biological Data Analysis: A Practical Approach*. IRL Press, Oxford.

Nomenclature, abbreviations and units

Authors should follow internationally accepted rules and conventions. Authors should provide evidence for the thorough identification of new isolates and use the most recent acceptable name.

Prokaryotes. The spelling of bacterial names should follow the list of Prokaryotic Names with Standing in Nomenclature http://www.bacterio.cict.fr/. If there is a reason to use a name that does not have standing in nomenclature, the name should be printed in roman type and enclosed in quotation marks and an appropriate statement concerning the nomenclatural status of the name should be made in the text (for an example, see Int. J. Syst. Bacteriol. (1980) 30: 547-556).

Fungi. The authors should use recently accepted binomials controlled by the International Code of Botanical Nomenclature (http://www.bgbm.fu-berlin.de/iapt/nomenclature/code/SaintLouis/0000St.Luistitle.htm).

Scientific names of yeasts can be found in: *The Yeasts: a Taxonomic Study*, 4th ed. (C. P. Kurtzman and J.W. Fell, ed., Elsevier B.V., Amsterdam, The Netherlands, 1998). Taxonomic texts should cite nomenclatural authorities at the first time a name is mentioned. For abbreviation of authors' names, see http://www.indexfungorum.org/AuthorsOfFungalNames.htm. All bacterial taxa should be italicized.

Viruses. Names used for viruses should be those approved by the International Committee on Taxonomy of Viruses (ICTV) http://www.ncbi.nlm.nih.gov/ICTVdb/. If desired, synonyms may be added parenthetically when the name is first mentioned. Approved generic (or group) and family names may also be used.

Enzymes. For enzymes, use the recommended (trivial) name assigned by the Nomenclature Committee of the International Union of Biochemistry and Molecular Biology as described in Enzyme Nomenclature http://www.chem.qmw.ac.uk/iubmb/ enzyme/.

Genes. Genetic nomenclature should essentially follow the recommendations of Demerec *et al*. (*Genetics* (1966) 54: 61-76), and those given in the instructions to authors of the *Journal of Bacteriology* and *Molecular and Cellular Biology* (January issues). Biochemical compounds. Consult the *European Journal of Biochemistry* or the Nomenclature Committee of the International Union of Biochemistry and Molecular Biology (http://www.chem.qmw.ac.uk/iubmb/).

Abbreviations. Abbreviations should only be used as an aid to the reader and their use should be strictly limited. Define each abbreviation and introduce it in parentheses the first time it is used: e.g. 'cultures were grown in Eagle minimal essential medium (MEM)'. Eliminate abbreviations that are not used at least six times in the manuscript. In addition to abbreviations to the international system of units of measurements, other common units (e.g., bp, kb, Da), chemical symbols for the elements, and the standard biochemical abbreviations (see *Eur. J. Biochem*.) should be used without definition. Standard chemical symbols and trivial names or their symbols (folate, Ala, Leu, etc.) may be used for terms that appear in full in the neighbouring text. Abbreviations other than those recommended by the IUPAC-IUB (Biochemical Nomenclature and related Documents, 1978) should be used only when a case can be made for necessity, such as in tables and figures. A short guide on the use of common abbreviations can be found on the Author page on the FEMS website (http:// www.fems-microbiology.org/website/nl/page125.asp).

Reporting numerical data. The international system of units (SI) should be used; mL is acceptable in place of cm^3 for liquid measures. The form for units is mg mL^{-1} and not mg/mL, parentheses should be used to improve clarity, e.g. mL (g drywt soil)$^{-1}$ h^{-1}. The prefixes k, m, m, n, and p should be used in combination with the standard units for reporting length, weight, volume and molarity for 10^3, 10^{-6}, 10^{-9}, and 10^{-12}, respectively. Use mg mL^{-1} or mg g^{-1} instead of the ambiguous ppm. Units of temperature are presented as follows: 37 1C or 324 K.

References

Reference citations in the text follow the name and date system. References should be inserted in parentheses in date order, as follows: (Brown, 1996; Brown & Smith, 1997; Smith et al., 1998). The reference list itself must be in alphabetical order according to the first-named author, then by number of authors, then chronologically within the one-author group, alphabetically within the two-author group and chronologically within the three or more author group. The title of the article must be included. For papers with ten or fewer authors, all authors must be listed. For papers with eleven or more authors, the first three names should be listed, followed by 'et al.'. Standard abbreviations of journal titles should be used, as in the Index Medicus. The following formats should be followed:

O'Donnell CM & Edwards C (1992) Nitrosating activity in *Escherichia coli. FEMS Microbiol Lett* 95: 87-94.

Dinter Z & van Morein B (1990) *Virus Infections in Ruminants.* Elsevier, Amsterdam.

McCarthy AJ (1989) Thermomonospora. *Bergey's Manual of Systematic Bacteriology, Vol. 4* (Williams ST, Sharpe ME & Holt JG, eds), pp. 2552-2572. Williams and Wilkins, Baltimore, MD.

Tang CR (2001) Cloning of a new ice nucleation active gene for insect pest control. PhD Thesis, Chinese Academy of Agricultural Sciences, Beijing.

Reference should not be made to work 'in press' unless it has been accepted for publication; a DOI number should then be provided. Unpublished results and personal communications may be mentioned within the text itself provided that (a) the names and initials of all the persons involved are listed, and (b) they have all granted permission for the citation. In the case of an online journal publication the DOI number of the reference should be used.

Nucleotide and amino acid sequences

Any new nucleotide or amino acid sequences must be deposited in an appropriate data bank. Authors are encouraged to use the EMBL Data Library but can also use other archives, such as GenBank. **An accession number must be obtained before submission to the Editors and this fact should be mentioned in the covering letter.** Authors should include the accession number in the appropriate figure legend. Authors

wishing to enable other scientists to use the accession numbers cited in their papers via links to these sources, should type this information in **bold, underlined text**. Letters in the accession number should always be capitalised (e.g. GenBank accession nos. **AI631510, AI631511, AI632198** and **BF223228**). Authors are advised to check accession numbers very carefully. **An error in a letter or number can result in a dead link.** In the final version of the printed article, the accession number text will not appear bold or underlined. In the final version of the electronic copy, the accession number text will be linked to the appropriate source in the NCBI databases enabling readers to go directly to that source from the article.

COPYRIGHT AND ONLINEOPEN

Upon acceptance of an article, the corresponding author should sign either a Copyright Assignment formor OnlineOpen form. OnlineOpen is a pay-to-publish service from Wiley-Blackwell that offers authors whose papers are accepted for publication the opportunity to pay up-front for their manuscript to become open access (i.e. free for all to view and download) via the Wiley InterScience website. Each OnlineOpen article will be subject to a one-off fee to be met by or on behalf of the Author in advance of publication. Upon online publication, the article (both full-text and PDF versions) will be available to all for viewing and download free of charge. The print version of the article will also be branded as OnlineOpen and will draw attention to the fact that the paper can be downloaded for free via the Wiley InterScience service. Any authors wishing to use the OnlineOpen service will be required to complete the relevant combined payment and copyright licence form available from the links at the end of these notes.

Once complete the Copyright assignment form or OnlineOpen form should be sent to the Editorial Office along with the rest of the manuscript materials as soon as possible after the acceptance. Prior to acceptance there is no requirement to inform an Editorial Office that you intend to publish your paper OnlineOpen.

The copyright statement for OnlineOpen authors will read:

©[date] The Author(s) Journal compilation

©[date] Federation of European Microbiological Societies. Published by Blackwell Publishing Ltd

PROOFS AND AUTHOR SERVICES

Author Services enables authors to track their article - once it has been accepted - through the production process to publication online and in print. Authors can check the status of their articles online and choose to receive automated e-mails at key stages of production. The author will receive an e-mail with a unique link that enables them to register and have their article automatically added to the system. Please ensure that a complete e-mail address is provided when submitting the manuscript. Visit http://www.blackwellpublishing.com/bauthor for more details on online production tracking and for a wealth of resources including FAQs and tips on article preparation, submission and more.

When proofs have been produced, the corresponding author will receive an e-mail alert from the Publisher containing a link to a web site. It is therefore essential that the e-mail address of the corresponding author is working and current. The proof can be downloaded as a PDF file from this site Acrobat Reader will be required in order to read this file. This software can be downloaded (free of charge) from the following web site: http://www.adobe.com/products/acrobat/readstep2.html. This will enable the file to be opened, read on screen or printed out. Further instructions will be sent with the proof regarding how to indicate and communicate any changes to the Publisher. Hard copy proofs will be posted if no e-mail address is available. Queries will be addressed to the corresponding author. Excessive changes made by the author in the proofs, excluding typesetting errors, may be charged for separately. The Editors reserve the right to make minor alterations to the text without altering the scientific content.

For *FEMS Microbiology Letters*, the Publisher reserves the right to proceed with publication if corrections are not communicated within three days.

OFFPRINTS

A PDF offprint of the online published article will be provided free of charge to the corresponding author, and may be distributed subject to the Publisher's terms and conditions. Paper offprints of the printed published article may be purchased if ordered via the method stipulated on the instructions that will accompany the proofs. Printed offprints are posted to the correspondence address given for the paper unless a different address is specified when ordered. Note that it is not uncommon for printed offprints to take up to eight weeks to arrive after publication of the journal.

ETHICAL AND RELATED ASPECTS

The Editors expect that new and variant organisms, viruses and vectors described in FEMS journals will be made available, under written request and for their own use, to all qualified members of the scientific community. If delays in strain or vector distribution are anticipated or if they are available from sources other than the authors, this should be indicated. The Editors encourage authors to deposit important strains in publicly accessible culture collections and to refer to the collections and strain numbers in the text. In the case

of materials that have been distributed by individuals, authors should indicate the laboratory strain designations and name and address of the donor as well as the original culture collection identification number, if any.

Papers describing experimental work with humans must include a statement that the Ethical Committee of the institution in which the work was done has approved it, and that the subjects gave informed consent to the work. Experiments with animals or with genetically manipulated organisms must have been undertaken in accordance with the legal requirements of the relevant local or national authority. Procedures must be such that experimental animals do not suffer unnecessarily. Submission of a manuscript implies that the work described has not been published before (except in the form of an abstract or as part of a published lecture, review or academic thesis, in which case reference should be made in a footnote to the title) and that it is not under consideration for publication elsewhere. **The corresponding author must ensure that its publication has been approved by all co-authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities in the laboratories where the work was carried out and that all persons entitled to authorship have been named.** If accepted, the article must not be published elsewhere in the same form in either the same or another language, without the consent of the Editor and Publisher. Each named author must be responsible for at least the part describing his or her contribution and must have seen the entire final text before submission and any substantial subsequent revisions. Authorship should be dealt with carefully and all authors should agree with it at the submission stage. FEMS journals do not permit adding or removing of authors or rearranging their order after acceptance. The Editors must be notified in writing by the corresponding author of any deviation from these rules. Should any author become aware of a breach of ethics he/she should contact the Chief Editor of the journal who will endeavour to retract the article. Articles published in FEMS journals represent the scientific findings and opinions of the authors.Whilst the Editors and Publisher make every effort to ensure the accuracy of all published matter, they can accept no responsibility or liability, collectively or individually, for any erroneous, misleading or unintentionally damaging statements, which may appear in the journal. Authors must draw attention in the Materials and methods to any chemical or biological hazards that may be involved in the experiments described.

PERMISSION TO REPRODUCE MATERIAL

Individuals wishing to reproduce material (not exceeding 250 words of text) from articles published in FEMS journals for non-commercial purposes may do so providing the original publication is acknowledged accordingly and the authors' approval is obtained, and in this case no special permission is needed from the Publisher. Authors may also include the article in a thesis without special permission. In all other cases, permissions may be sought directly from the Journal Rights Department: e-mail journalsrights@wiley.com.

QUICK LINKS

- Manuscript submission: http://mc.manuscriptcentral.com/fems; and instructions can be reached via the 'Instructions and Forms' button at the top right of all Manuscript Central pages
- FEMS journals: http://www.fems-microbiology.org
- Editorial Office: e-mail admin.journals@fems-microbiology.org
- Production Office: e-mail fems@wiley.com
- Electronic Graphics: http://www.blackwellpublishing.com/bauthor/illustration.asp
- Copyright assignment forms (CAF) and OnlineOpen forms (OOF):

FEMS Microbiology Letters:

CAF: http://www.blackwellpublishing.com/pdf/FEMSLE_CAF.pdf

OOF: http://www.blackwellpublishing.com/pdf/FEMSLE_OOF.pdf

FEMS Microbiology Ecology:

CAF: http://www.blackwellpublishing.com/pdf/FEMSEC_CAF.pdf

OOF: http://www.blackwellpublishing.com/pdf/FEMSEC_OOF.pdf

FEMS Immunology and Medical Microbiology:

CAF: http://www.blackwellpublishing.com/pdf/FEMSIM_CAF.pdf

OOF: http://www.blackwellpublishing.com/pdf/FEMSIM_OOF.pdf

FEMS Microbiology Reviews:

CAF: http://www.blackwellpublishing.com/pdf/FEMSRE_CAF.pdf

OOF: http://www.blackwellpublishing.com/pdf/FEMSRE_OOF.pdf

FEMS Yeast Research:

CAF: http://www.blackwellpublishing.com/pdf/FEMSYR_CAF.pdf

OOF: http://www.blackwellpublishing.com/pdf/FEMSYR_OOF.pdf

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas